

Resgate do Passado

A História de uma Pessoa Tímida



Informações sobre o Livro Eletrônico

Resgate do Passado – A História de uma Pessoa Timida

Ruy Miranda

Copyright © 2001 de Ruy Miranda

Edição eletrônica feita e atualizada por Ruy Miranda em
2004

Pintura da capa de
Antônio Bráulio Vilhena Neto

Todos os direitos reservados ao autor Ruy Miranda.
Av. José Osvaldo Araújo 180
Belo Horizonte – MG
CEP 30.350-680 – Brasil

<http://www.timidez-ansiedade.com>

ISBN da edição eletrônica: 85-901824-3-6

Editor: Ruy Miranda

Sumário

● Breves Considerações	7
● Capítulo 1 - Fim Próximo	8
● Capítulo 2 - Progressos	11
● Português e Brasileira se Conhecem	11
● Alegrias e Pressões	18
● Casamento	31
● A Alcuha	33
Capítulo 3 - Paixão Atormentada	36
● A Família Cresce	36
● Florinda, a Tentação	41
● Emboscada	53
● Podia Ser Um Pesadelo	58
● Definitivamente Ligados	63
● Cisão Familiar	66
Capítulo 4 - A Luta	76
● Punições Físicas e Repressões que se Consolidam	76
● Hiato	88
● Medo e Confiança	Apêndix
● Voltam as Barreiras	82

Capítulo 5 - Reveses da Vida	89
• A Caminho do Outro Sonho	89
• Desgostos do Menino	90
• Horror Súbito	95
• Brincadeira Infeliz	96
• Iniciação Sexual Precoce	101
• Encurralado Pelos Outros	104
• Mão Salvadora	113
• Empecilho aos Estudos	114
• Paixão de Pré-Adolescente	117
• Medo de Si Mesmo	123
• Esperança Que Vem Pelo Rádio	127
• Na Zona do Meretrício	131
Capítulo 6 - O Outro Mundo	133
• Primeiros Progressos	133
• Comprador de Diamantes	138
• Cleide	140
• Garimpeiro de Diamantes	145
Capítulo 7 - Tremor nas Mãos	152
• Tremor nas Mãos	152
• Opiniões dos Médicos	156
• Decisão Radical	163
• Tentativas Desesperadas	166
• Reviravolta na Vida	172
• Rumo ao Passado	176
Capítulo 8 - Começa o Resgate	183
• Estranheza no Regresso	183
• Primeiro Encontro com o Passado	189
• A Covardia se Esclarece	199

- Confessa a Timidez205
- Limite Para o Preço Da Liberdade210
- Preconceito da Virgindade214
- Diante do Perigo Maior219
- O Balão se Esvazia224
- Desafio aos Torturadores229
- Novas Revisões do Passado235
- A Jovem Prostituta244

Capítulo 9 - *Intermezzo*247

- O Garimpeiro Retorna247
- A Semente Germina253
- Barreiras Burocráticas259
- Passaporte Suado262
- Salvo por um Triz271
- Procurados Pela Polícia de Paris282
- De Decepção em Decepção286
- O Intermediário no Negócio296
- Característica da Mineiridade304
- No Banco312
- A Consulta Médica314
- Aflição Com o Compromisso315

Capítulo 10 - O Passado De Volta

Outra Vez324

- Pavilhão 6324
- Zé Malta330
- Milagre de São Judas Tadeu334
- Tratamento do Tremor EssencialApendix
- O Que Falta?342
- O Meio-Irmão Desconhecido348

Capítulo 11 - Os Ziguezagues Da Vida . . .	357
● Pai Enigmático	357
● A Verdade	365
● Reencontro	369
● Reconsiderações	374
● Expectativas	382
● Festejos	391
● Considerações Finais	396

Apendix - Boxes com Informações

Capítulo 1 - Fim Próximo

Vítima de uma doença incurável, Joman se prepara para morrer.

(Informação: Três pontos (...) entre parágrafos indicam que outros parágrafos foram retirados; no começo ou final de parágrafo indicam que textos foram retirados daquele parágrafo.)

O inesperado, aquela coisa ruim que vem quando tudo corre bem ou de modo rotineiro, ou aquela coisa boa quando as esperanças já acabaram e que demonstra o quanto o destino de qualquer pessoa é sujeito ao acaso, ocorreu nas duas formas com Joman de Oliveira O. Veio primeiro por intermédio de uma adversidade, uma doença que ia conduzi-lo prematuramente à morte.

...

A morte de um sujeito como Joman, à primeira vista, nada tem de especial, mesmo quando é anunciada, mesmo quando, ao invés de esperá-la, ele vai ao seu encontro. Joman é apenas mais um rosto na multidão, um desses rostos com expressão séria visto num aglomerado que, à beira do passeio, espera o sinal abrir para atravessar a rua. Um sujeito comum, que antes dos trinta anos já se convenceu de que só lhe resta trabalhar e superar seguidos problemas.

Uma pessoa assim não deve ter nada de interessante que justifique contar sua história. Afinal, lutar contra problemas contínuos quase todo mundo luta. Ter consciência de que a morte está próxima e é inexorável, mesmo para pessoas jovens como ele, também é coisa comum. Decidir antecipá-la para evitar um sofrimento maior acontece em todas as partes do mundo. Ocorre, contudo, que esse inesperado, da doença fatal, foi apenas o começo de uma cascata de acontecimentos que subverteram e inverteram seu modo de ser; foi o estopim de uma revolução que pode suceder com qualquer pessoa, ainda que por motivos e caminhos diferentes.

[Comprar o livro](#)

Capítulo 2 - Progressos

Como o pai de Joman, um imigrante, conheceu sua mãe, como foi o casamento, qual foi o apelido que colocaram em seu pai.

(Informação: Três pontos (...) entre parágrafos indicam que outros parágrafos foram retirados; no começo ou final de parágrafo indicam que textos foram retirados daquele parágrafo.)

Português e Brasileira se Conhecem

Em 1930 desembarca no porto do Rio de Janeiro, aos 21 anos de idade, o robusto Manoel Pereira de Oliveira, nascido e criado no norte de Portugal. Vem, como a maioria dos patrícios seus, sem dinheiro e cheio de sonhos de enriquecimento no Brasil. Sem profissão definida, faz vários serviços para terceiros e, a duras penas, começa um pé-de-meia. A aspiração de um negócio próprio o leva em 1933 para o Vale do Rio Doce, que começa no Estado de Minas Gerais e termina no do Espírito Santo.

É uma época em que todo o vale está sendo desmatado. No lugar da exuberante mata atlântica surgem fazendas, onde predomina a pecuária bovina, e pequenos núcleos urbanos situados preferentemente ao longo da Estrada de Ferro Vitória a Minas. Essa região atrai aventureiros, pessoas fortes e dispostas a lidar com um ambiente adverso.

O jovem português começa pelo Espírito Santo, como vendedor ambulante de objetos de uso doméstico e pessoal. As mercadorias vão em duas mulas e um burro muito mansos, que também transportam sua tralha e alimentos, enquanto ele monta outra mula. Percorre fazendas, sítios, acampamentos, casas de colonos e de trabalhadores rurais. É um trabalho duro, sob sol escaldante e temperaturas que superam os trinta graus centígrados na maior parte do ano, mas ele não se queixa. Economiza o que pode para aumentar o pé-de-meia e realizar dois sonhos mais imediatos: estabelecer um comércio em alguma localidade e encontrar uma jovem para se casar.

Em maio de 1934 acomoda-se num rancho, feito para tropeiros e viajantes, num povoado de nome Cachoeirinha, no médio-vale, em Minas Gerais. Trata-se, como tantos outros instalados em cidades, povoados e beiras de estradas, de uma construção que tem piso de terra batida, paredes de alvenaria em três lados e esteios de madeira para sustentar o telhado. Como ele não tem tempo a perder, prepara-se para iniciar uma nova jornada já no dia seguinte, mais uma viagem nessa sua vida sem descanso e sem conforto, e de noites solitárias.

Vai, pela primeira vez, seguir por uma estrada de rodagem com sessenta quilômetros de extensão, recém-aberta, que liga o povoado a uma cidade de nome Itanhomi, situada a sudoeste, passando por outro povoado de nome Cafezinho. O tempo de viagem é imprevisível; pode chegar a um mês, dependendo do número de paradas que fizer para mostrar as mercadorias. No final da tarde, prepara o jantar e o alimento que consumirá durante o dia seguinte, como sempre faz. Depois do jantar deita-se na esteira de palha e dorme.

...

No transcorrer da exposição, Manoel observa a beleza da jovem. "É uma donzela em flor", diz para si mesmo. "Como pode haver uma jóia assim num lugar desse?" Ela tem a pele clara, diferente das outras que viu, indicando que não se expõe muito ao sol. O longo cabelo preto, amarrado com descuido junto à nuca, esparrama-se depois pelas costas em ondas suaves. Os olhos são castanhos e meigos. Os dentes, brancos, aparecem em tímidos e ocasionais sorrisos. O vestido é simples. Calça chinelos que, de vez em quando, são tirados, e sobre eles pousa os pés delicados. Fala pouco, e a voz é suave. Aos olhos de Manoel, tudo nela é belo, é recato. A certa altura, quando estão todos bem descontraídos, comenta, delicadamente, voltado para a jovem:

– Tu me lembras as belas rapariguinhas de Portugal.

A jovem arregala os olhos e a seguir levanta-se e corre para o interior da casa. A mãe, acompanhando a filha, também sai rapidamente. O pai levanta-se com semblante fechado, vai até a porta de entrada, puxa, forçado, um escarro da garganta e fica olhando ao longe. Assustado, preso à cadeira,

Manoel não entende o que se passa, e nem lhe ocorre nada para dizer. Decorridos alguns segundos, Pedro vira-se um pouco de lado, na direção do vendedor ambulante e diz, com voz aborrecida, sem olhar para ele: – O senhor falou mal da minha fia – e vira-se de novo para fora.

– Eu?!... Não estou a compreender...

– Chamou ela de rapariga – replica o homem, sem se virar.

– Ora pois... rapariga é qualquer donzela! – Após um momento de reflexão acrescenta: – Pelo menos na minha terra...

– Pra nós aqui, é muié que num presta...

O jovem português assusta-se e sente medo. Ele sabe que os habitantes do vale são rudes, afeitos ao trabalho pesado, pouco instruídos e sensíveis aos maus-tratos. Muitas vezes matam, em resposta a uma ofensa banal. Por isso se apressa em responder:

...

Manoel levanta-se e diz, de modo pausado e solene, curvando inicialmente a cabeça na direção da mulher: – A senhora, dona Risoleta Santos da Cruz, e tu – curva agora a cabeça na outra direção –, donzela Maria das Dores Santos da Cruz, queiram me desculpar. Eu não pretendia ofender, eu não sabia...

– Disculpado – diz a mãe.

– Disculpado – faz coro a filha, que em seguida se junta à mãe.

A família, sob certo constrangimento, retoma o exame das mercadorias, mas não tarda e o ambiente está de novo descontraído. O casal compra alguns objetos.

Para seguir viagem completamente tranquilo e seguro de que não está deixando nenhum rastro de aborrecimento, Manoel conta alguns casos de sua terra natal, que os três ouvem com interesse. Quando, por fim, começa a guardar as mercadorias, Pedro lhe faz um convite.

–Já tá de tarde; o senhor pode posar aqui com nós, se quiser.

–Aceito com muito prazer, ora pois! – responde alegremente.

Manoel tem razões para ficar feliz com o convite. Em primeiro lugar, porque isso indica uma deferência. Não é praxe fazer esse tipo de convite a estranhos; o habitual é o viajante procurar o rancho de beira de estrada

mais próximo. Em segundo lugar, porque passará a noite com conforto e, principalmente, porque poderá apreciar mais a donzela em flor. ...

Durante o jantar na cozinha, Manoel volta a ver a jovem. Os dois se olham de soslaio. "Como é bonita esta rapariga...", repete para si mesmo várias vezes. Depois se reúnem na sala e conversam animadamente.

Três filhos do casal, que moram no sítio em casas mais afastadas, chegam com mulheres e filhos, movimentando ainda mais o ambiente.

...

– Essa faquinha aí, o senhor comprou adonde? – entra um dos filhos, apontando para o lado direito da cintura dele.

– Esta eu trouxe de minha terra – responde com certo entusiasmo. E, para satisfazer mais a curiosidade, desembainha-a e mostra-lhes. É uma faca de cabo branco, de chifre, com desenhos feitos em metal amarelo cravado, e uma lâmina de pouco mais de dez centímetros. – Cuidado para não te cortares – adverte, ao entregá-la. – Mantenha sempre amolada. Pode-se até fazer a barba com ela – completa, vangloriando-se.

Passam a faquinha de mão em mão, apreciam sua beleza e seu fio, que realmente lembra o da navalha.

A conversa prossegue, e ele, com discrição, continua a observar a jovem. Tem certeza de que ela lhe retribui os olhares. Sente vontade de lhe dirigir a palavra, mas é contido pelo receio de que se sintam ofendidos.

– Das Dor, arruma o quarto pro sô Manoel dormir – ordena Risoleta a certa altura. A moça obedece e vai para dentro da casa.

Os três filhos e suas famílias se despedem. Pouco depois, das Dores chega e informa, com aquela sua voz meiga: – Sô Manoel, o quarto tá rumado.

– Podes me mostrar? – a jovem balança a cabeça, e ele a segue.

– É aqui – diz ela mostrando o quarto. – Quer lavar os pé?

– Estava eu a pensar nisso...

– Intonces, o senhor espera um cadiquinho.

Manoel está acostumado a ouvir as pessoas dessas bandas falar errado, coisa que, aliás, o diverte, mas os erros cometidos por das Dores o enchem de encantamento. "Cadiquinho...", "Lavar os pé...", "Tá rumado...",

rememora ele, achando graça, enquanto espera. A jovem retorna com uma bacia e coloca-a junto à cama onde ele está sentado, sai e volta em seguida com duas jarras. O vendedor ambulante já está descalço, com os pés no assoalho de madeira, ao lado da bacia, e as barras das calças levantadas até os joelhos. Das Dores curva o corpo e despeja a água quente de uma das jarras; depois, ajoelha-se e começa a despejar lentamente a água fria da outra, enquanto passa a mão para controlar a temperatura. – Acho que tá bom – ela diz, depois de alguns segundos. – Óia!

Ele se curva e, ao passar a mão na água, toca de leve no dorso da mão de das Dores, que ficou apoiada no fundo da bacia. A jovem encolhe o corpo, como se tivesse tomado um choque, mas não retira a mão. Ele continua o movimento em círculo como que sentindo a temperatura da água, mas na verdade roça, prazerosamente, o dorso da mão da jovem. Ela, por sua vez, a vira, instintivamente, de modo que, por uns instantes, as duas palmas se roçam. O barulho dos passos de Pedro faz com que a jovem ergase rapidamente e saia do quarto, levando as duas jarras.

...

Alegrias e Pressões

Manoel continua sua viagem e leva consigo a imagem daquela jovem. Imagem que inspira fantasias de um namoro delicado e de um casamento feliz. "Cadiquinho...", "Tá rumado...", rememora, com ternura e saudade, nos momentos de solidão. E indaga a si mesmo se Deus a reservou para ele. Das Dores é também um estímulo para reativar o sonho de estabelecer-se em algum lugar. "É tudo que quero: um comércio e uma mulher para amar." Entretanto, vez por outra, um leve temor ronda-lhe o espírito: "A família aceita um estrangeiro?" Evita, tanto quanto pode, pensar nessa dúvida, pois tem muitas lembranças boas para ocupar a mente, não havendo razões para dar asas a pensamentos negativos. Em menos de quarenta dias, numa quarta-feira, ele está de volta, trazido pelo anseio de revê-la.

...

"Oh, lá, lá! Já não é apenas uma rapariguinha!", admira-se Manoel de modo tal que os pensamentos saltam pelos olhos. Das Dores, sentada numa

cadeira, perto da mesa, mantém o tronco ereto e a cabeça erguida. Traja um vestido simples, mas com aspecto de novo, e calça sapatos. Os olhos exibem o brilho da alegria contida. Os cabelos, tão brilhantes quanto os olhos, estão presos por uma estreita fita de seda branca em cada lado da cabeça e se esparramam pelos dois lados do pescoço, cobrindo os ombros e parte dos seios. Ela abre um leve e tímido sorriso quando o jovem português se aproxima.

– Como vais, Maria das Dores? – Ele sente o incitante cheiro de banho, misturado ao perfume do óleo de cabelo que lhe dera de presente, quando lhe estende a mão.

– Eu cá vou bem. E o senhor, sô Manoel?

– Bem, muito bem – responde com indisfarçável alegria. – Parece que cresceste!

– Ela é grande pra idade – comenta Risoleta, orgulhosa. – Tem só 16 ano. Senta, sô Manoel – completa, oferecendo-lhe uma cadeira.

– Dezesseis?! Ora pois! parece ter mais... – volta ele, procurando ser gentil, enquanto se assenta a pouco mais de um metro de distância da jovem.

– Já é moça casadoira – entra Pedro. O jovem toma o comentário como uma insinuação e o acha ótimo.

...

... Manoel interrompe o caso que está contando, levanta-se e, quando Pedro, ainda de pé, começa a se servir, diz ao casal, com voz firme e solene, o que sonhou durante todos os dias, desde que esteve ali. – Eu queria pedir licença ao senhor, seu Pedro Horácio da Cruz, e à senhora, dona Risoleta Santos da Cruz, para namorar a das Dores.

Aparentemente surpreso com o pedido, Pedro se senta numa cadeira próxima da mesa, ao lado da mulher, sorve um gole de café, põe a caneca sobre a mesa, tira um lenço do bolso e enxuga o rosto. Mais um gole de café e repõe a caneca sobre a mesa; olha para fora pela janela lateral, leva a mão ao rosto e faz aquele movimento repetitivo de escorrer as pontas dos dedos sobre a barba rala, dando aparência de dúvida, tudo acompanhado com grande expectativa pelo vendedor ambulante. Por fim, vira-se para a filha. – Ocê quer? – A jovem sacode a cabeça. Então ele se volta para Manoel: – Vai

dar muito gosto pra nós – fala também em nome da esposa, como é hábito na região.

Risoleta faz um discreto sorriso, o suficiente para mostrar que está feliz.

Os olhos do vendedor ambulante brilham, acompanhando um sorriso de alegria, justificável porque nos seus sonhos havia espaço – pequeno, é verdade – para uma negativa. O caminho está aberto para a mudança de vida que ele almeja.

Os dois jovens namorados têm outras oportunidades de ficar a sós na sala e na cozinha, mas não se tocam. Manoel espera ansioso a hora de deitar-se, a hora de lavar os pés. À noite repete-se o encontro da família inteira, e a novidade já é conhecida. Pedro anuncia que vai promover uma dança no sábado, ali na sua casa. Nem precisa dizer o motivo – estão todos contentes com o casamento que das Dores fará.

...

Há uma grande expectativa em relação à chegada de das Dores. Os olhares se voltam de tempos em tempos para a porta de acesso ao interior, onde se dará o seu aparecimento. Quando ela surge, acompanhada pela mãe, os olhares de expectativa se transformam em olhares de admiração. O vendedor ambulante empina o corpo. "É uma princesa!", afirma a si mesmo.

A jovem traça um vestido cor-de-rosa, adornado por uma fita de seda vermelha, larga, brilhante, amarrada à cintura com um gracioso laço na frente, com as pontas caindo até as coxas. O cabelo foi dividido em duas longas tranças que terminam com fitinhas, também de seda vermelha, abaixo dos seios. Presa à cabeça, do lado direito, uma pequena flor, também vermelha, completa a harmonia do conjunto. Calça um sapato novo e se dirige, devagar, para onde estão as cunhadas.

O sanfoneiro, sentado numa cadeira a um canto da sala, começa a tocar. Os que estão do lado de fora se aglutinam junto à porta de entrada e às duas janelas da frente e das laterais, mas ninguém inicia a dança. Pedro cutuca Manoel e sussurra-lhe ao pé do ouvido: – Começa! – Então ele percebe que lhe cabe a honra de iniciar o festejo. Caminha em direção a das Dores em passos solenes e, quando chega, faz uma mesura: estende-lhe a mão direita, curva a cabeça e ao mesmo tempo estende a perna direita para trás,

apoiando-a sobre o bico da botina; recolhe-a rapidamente e repete o movimento com a perna esquerda e a cabeça. A jovem se aproxima, pousa sua mão sobre a dele, e os dois vão para o centro da sala. As pessoas, em volta, admiram o requinte.

E ambos, com o coração palpitando, começam a dançar. "Não estou a acreditar! pois, pois, pois, pois! – admira-se logo após os primeiros passos –, ela é leve como uma pluma!" ...

...

No domingo o jovem vendedor ambulante acorda decidido a acelerar as coisas. Espera ansioso o pai de das Dores terminar a ordenha de algumas vacas e fala-lhe, ali mesmo, junto à entrada do curral. – Senhor Pedro – começa, ao mesmo tempo em que faz a gentileza de tomar-lhe e segurar um dos baldes de leite –, estou a pensar em casar-me com Maria das Dores e quero saber se concordas.

- Nós faiz gosto, sô Manoel. – Sorri em seguida.
- Estou a pensar num casamento rápido, sem delongas.
- Pra quando, sô Manoel?
- Um mês, dois meses no máximo.
- E pensa em morar adonde? O senhor é andejo, veve viajano...
- Penso em estabelecer-me em Cachoeirinha; tenho umas economias.

Manoel sabe que o povoado tem muito futuro. Situado junto ao rio Doce, é ponto de parada dos trens da Estrada de Ferro Vitória a Minas. A recente abertura de estradas de rodagem ligando-o a alguns municípios produtores de cereais, especialmente ao norte, do outro lado do rio, contribui para o começo de sua transformação num pólo mercantil, já que a estrada de ferro facilita a entrada e a saída de mercadorias. É o lugar ideal para realizar o outro sonho – o de ficar rico.

– O senhor podia morar aqui mesmo no sítio, pra famia ficar toda junta. Com as suas inconomia pode comprar um gado separado, só seu, e trabaiá com nós na roça.

– Eu não tenho experiência com gado e nem com roça, ora pois, senhor Pedro.

- Isso é coisa face, que aprende logo.

O jovem português fica em silêncio. Acha melhor nem discutir a questão. Para uma pessoa como ele, que já andou meio mundo, acostumado a uma vida solitária, é até impossível ver problema em morar tão perto. Por isso, dá uma resposta evasiva: – Não é bem o que eu estava a pensar, mas vou conversar com das Dores. – E muda rápido de assunto. – Aqui as pessoas não têm costume de rezar?

– De vez em quando. Junta o povo e reza numa casa. Hoje mesmo, de noite, vai ter.

– Ah, é mesmo? E onde será? Gostaria de ir.

– Vai ser aqui perto.

– Eu sou católico apostólico romano praticante; rezo toda noite. – Isso é bom, comenta Pedro. – E sou também oblato beneditino – completa, sem notar a compreensível expressão de estranheza de Pedro, posto tratar-se da filiação de um leigo à Ordem dos Beneditinos e de sua participação especial em certas cerimônias.

À tarde, fala a sós com das Dores. Ela já sabe que seu pai concordou com o casamento.

– E tu, queres?

– Quero. Só num queria se mudar daqui.

– Numa cidade ou num povoado como Cachoeirinha nós temos mais futuro, ora pois, das Dores!

– A mãe morre se eu se mudar; ela falou.

– Mas Cachoeirinha fica ali! São apenas quinze quilômetros!...

– Nós num gosta de rua, Manoel.

Ele dá um sorriso, balançando a cabeça como sinal de incredulidade. Achava que ia ter o apoio da noiva e, mais do que isso, o seu empenho, e no entanto, ouve isto!

A notícia de que das Dores pode sair do sítio após o casamento causa grande impacto na família. Ela, além de ser a única filha, é bem mais nova do que os três irmãos, cujas idades variam de 23 a 27 anos. Estas particularidades contribuíram para que se tornasse o centro dos cuidados e afeições de todos, especialmente de Cândido, o irmão mais velho. Embora não te-

nham feito um acordo formal, estão todos imbuídos do propósito de demover Manoel da idéia de morar em outro lugar. Esperam o encontro da noite para discutir o assunto.

...

Manoel se retira e vai ao quarto. Pouco depois surge na sala vestindo, sobre a roupa normal, uma capa de cor preta, sem mangas, que vai até os joelhos. Todos o olham com surpresa.

– Que ropa é essa, Manoel?... – indaga das Dores, exprimindo a perplexidade deles.

No centro da sala, em postura altiva, orgulhoso, ele responde: – É uma opa, ora pois!

– Opa?... – retorna ela.

– É. O-p-a, opa, uma vestimenta da Igreja, para leigos, ora pois!

Eles não entendem, mas não fazem outras perguntas.

Quando chegam à casa onde haverá a reza, as pessoas ficam também surpresas. – Chama opa – cochicha das Dores para os curiosos.

Durante todo o ato religioso ele é o centro das atenções. Os presentes rezam de forma mecânica, pois estão mais interessados em ouvir seu sotaque, ou apreciar seu fervor, ou ver sua imagem com a opa através de olhares furtivos, ou por uma combinação dessas novidades.

Quando retornam, a família envolve Manoel num processo de sedução para que se estabeleça no sítio.

...

Num outro dia, Antônio, o mais novo, comenta de passagem: – Nós num dexa a das Dor sair daqui não.

Este comentário alarma Manoel. O casamento corre risco, e viver ao lado de das Dores, agora, está acima de qualquer coisa. Percebe que está diante não de uma simples resistência, mas de forte oposição. Acaba sucumbindo. "Não se pode querer tudo de uma vez", diz aos seus botões, buscando consolo, e suspende por algum tempo parte dos planos que acalenta. Comunica à noiva o que decidiu:

– Vou viajar para vender as mercadorias que restam; depois volto e nos casamos. Vamos viver aqui no sítio. Até quando, não sei.

A família fica aliviada e feliz.

Casamento

...

Após trocarem a roupa do casamento, Manoel e das Dores saem da casa onde vão morar, aquela situada próxima à de Pedro, e se juntam à pequena multidão postada diante das casas para participar dos festejos.

Cândido se aproxima puxando o cavalo branco pela rédea.– Aqui o seu cavalo – diz, sorrindo. Manoel assusta-se.

– Não imaginei que tu estavas a falar sério.

Ainda sorrindo, Cândido completa: – Comprei esta sela e o coxenil.

– Que beleza! Que beleza!

O cavalo é lindo, mas com aquele enorme coxinilho vermelho, de pele de carneiro, sobre a sela nova, forma um conjunto maravilhoso, admirado pelos presentes. Manoel não resiste, monta-o e dá uma volta. Observa a cabeça majestosa, sempre erguida, a crina alva, comprida e lisa, balançando com graça, qual uma onda, pelo longo pescoço. Sente a marcha macia e observa a pronta resposta ao mínimo contato da espora.

– Muito obrigado, Cândido, muito obrigado! – agradece efusivamente ao apear. – Além de belo, é ótimo!

A noite de núpcias completa a realização dos dois. Terrivelmente apaixonados, entregam-se de corpo e alma. Os desejos, insaciáveis, não lhes permitem dormir. De madrugada, à meia-luz do lampião, das Dores levanta-se. Sai do quarto e daí a pouco reaparece à porta e pára.

Manoel fica atordoado com a imagem. Nos cabelos soltos e desdenhados, sem fita e sem flor, nos olhos serenos de ânsias atendidas, no corpo envolto pela camisola branca, da menina-moça que acaba de se tornar mulher, a natureza exhibe todo o seu brilho. Ele se levanta devagar, sem desviar dela os olhos, vai ao seu encontro, olha-a enlevado por alguns segundos e a reconduz carinhosamente para a cama. Deita-a com cuidado e, sob o lampião, os dois se olham por um longo tempo. Não dizem nada, e nem precisam dizer, mesmo porque, em momentos assim, as palavras são vazias, são apenas sons que se perdem no espaço. Os sentimentos, em sua essência, espe-

cialmente estes, de pura paixão, são inexprimíveis... indescritíveis... No máximo, apenas tangenciando o que se passa, pode-se dizer que, nesse estado, tanto faz, para os dois, se a Terra gira em torno do Sol ou vice-versa, se a vida tem fim ou é eterna, se serão ricos ou pobres. – Estou a sonhar ou é verdade? – murmura ele, com voz terna, depois de muito tempo contemplando sua tão querida esposa. Das Dores sorri docemente. Em seguida eles se amam de novo, desta feita com delicadeza, para que as almas possam se juntar.

O Apelido

Casamento rápido é comum na região, e a vida dos recém-casados é previsível; mas com uma pessoa de outra nacionalidade é uma incógnita, seja ali ou em qualquer lugar do mundo. Agora, na convivência, o português será conhecido tal como é.

Para ele, a esposa é uma dádiva de Deus. E como entende que casamento feliz é aquele em que a esposa é feliz, desdobra-se em atenções para com ela.

Resignado com a pedra que o destino colocou no caminho do outro sonho, o de ter o seu comércio num centro urbano, trata de facilitar a saída quando a pedra for removida. Compra gado e grava nele sua marca pessoal, constrói uma pocilga própria e toca a roça em conjunto com a família.

Esforça-se por aprender e integrar-se às atividades do sítio e aplica nelas toda a sua grande força física. Sua disposição para o trabalho é tal que enche de orgulho os sogros e cunhados.

Participa das rezas aos domingos, vestido sempre com a opa, e logo está liderando o pequeno grupo de praticantes. Julga que precisam de um templo e começa a visitar fazendeiros, sitiantes e trabalhadores rurais para se unirem na construção de uma igreja. Numa das fazendas, depois de expor suas idéias, ele passa por uma experiência que será um marco em sua vida e na sua descendência.

O fazendeiro, a certa altura, argumenta: – Sô Manoel da opa... – O português sorri com o tratamento. É a primeira vez que o ouve e fica de tal

modo encantado que não presta atenção à pergunta que se segue. – Num tem tanta gente assim pra encher uma igreja, o senhor num acha?

"Manoel da opa... Manoel da opa...", repete mentalmente, com um meio sorriso e a cabeça erguida para o teto, apreciando a sonoridade, enquanto o fazendeiro, a esposa e os filhos aguardam a resposta. Como esta não vem, o fazendeiro insiste: – O senhor num acha?

...

O apelido "Manoel da opa" já se espalhara pela região sem que ele soubesse. Para algumas pessoas era um trato natural, uma forma de identificá-lo com precisão; para outras, que consideravam aquela vestimenta um espalhafato, tinha o tom de deboche.

O projeto da capela é mais bem aceito pela comunidade, e sua construção fica marcada para o início de 1935, quando acabarem as chuvas. O local escolhido é o sítio da família de Pedro Horácio da Cruz.

[Comprar o livro](#)

Capítulo 3 - Paixão Atormentada

Nascimento de Joman, o caso extra-conjugal do seu pai, os dramas dentro da família.

(Informação: Três pontos (...) entre parágrafos indicam que outros parágrafos foram retirados; no começo ou final de parágrafo indicam que textos foram retirados daquele parágrafo)

A Família Cresce

O jovem casal vive a expectativa da vinda do primeiro filho. Decorridos mais de quatro meses do casamento, a notícia chega para Manoel na noite de 24 de dezembro, após sua volta de uma reza de Natal, dada de modo cândido por das Dores:

– Tô esperando um neném.

Ele, que acaba de chegar e entrar em casa antes de desarrear o cavalo para tirar a opa e vestir uma capa, já que foi apanhado no caminho por uma fina e persistente chuva, fica alguns segundos mudo e quase sem fôlego, fitando a esposa.

– Tu tens certeza? – pergunta finalmente.

Das Dores, de pé a pouco mais de um metro, balança a cabeça e sorri alegremente.

Manoel se atira, abraça-a – riem ambos –, ergue-a presa pela cintura, dá um giro no ar e exclama exultante: – Vou ser papai! Vou ser papai! – Em seguida olha-a enlevado, ainda envolvida pela cintura, e retoma: – A Virgem Maria me ouviu, ela sempre me ouve. – Ao dizer isto exhibe aquele brilho nos olhos, próprio das pessoas que acabam de ter confirmação da sua fé. – A Santíssima me ouviu, podes crer, das Dores! Ela manda o sinal agora, na noite do nascimento do menino Jesus, e depois da reza! Não é de impressionar?

...

Mas para haver batizado é preciso existir a capela. E a sua construção,

que foi adiada por causa das chuvas, precisa começar já.

Lidera a comunidade num mutirão para a obra. ...O local escolhido é bem em frente à casa de Manoel e do outro lado da estrada.

...

No início de agosto, antes de completarem um ano de casamento, sua esposa entra em trabalho de parto, um parto laborioso, demorado, no qual ela sente tantas dores que chega a pensar que vai morrer. Manoel acompanha o desenrolar, sob intensa angústia, e com preces permanentes à Virgem Maria, na capela, aos pés da imagem santa, ou junto ao leito. Num dos momentos de maior desespero, quando está na capela, faz uma promessa pela vida da esposa e da criança. Suas súplicas são atendidas e a criança nasce, nasce berrando, aparentemente em protesto pela demora. É um menino saudável, que enche o pai de orgulho porque o rosto, a despeito de amassado em algumas partes e inchado em outras, tem muitos traços seus.

Na primeira vez que o jovem casal conversa sobre o nome do menino, o orgulhoso pai diz o que tem em mente: – Estou a pensar em Manjo.

Explica que o nome resulta da fusão das duas primeiras sílabas do seu nome e do de seu pai, que se chamava Joaquim.

– Manjo?... Isso num é nome de minino não. Home chama é Zé, Antinho, Pedro, Mané, quer dizer, Manoel, Quinzim... Manjo? Eu cá nunca vi!...

Ele insiste, diz que é uma homenagem que presta a si e a seu pai, mas a esposa continua achando inapropriado.

A idéia de dar o nome 'Manjo' é antiga. Ainda no Rio de Janeiro, ouviu um diálogo em que uma pessoa a certa altura indagou à outra: 'Você manja disso?' para saber se ela entendia de um dado assunto. 'Manjo', foi a resposta. Manoel encantou-se não apenas pela união das sílabas, mas pelo seu significado, de uso apenas no Brasil. 'Manjo, Manjo, Manjo, Manjico...', repetia ele, de quando em quando, deliciando-se também com a sonoridade. Acabou decidindo que, se um dia tivesse um filho, lhe daria esse nome.

Maria das Dores pede a ajuda da mãe, pois percebe que está difícil mudar a cabeça do marido. O pai e os irmãos também entram no assunto, mas o impasse perdura durante algum tempo. É resolvido quando apelam

para José Vítor, seu único amigo, e cujas opiniões ele leva em conta.

– Manoel da opa, a gente tem de arrespeitar os mais véio – começa o amigo, com um argumento previamente estudado. – O respeito tem de ser premero com seu pai. Chama o minino de Joman.

...

Agora é tempo de cuidar do batizado.

Manoel lidera um movimento na comunidade que leva um padre pela primeira vez àquela região. Depois de benzer a capela, ele reza uma missa, e quando recolhe os nomes completos das crianças para os batismos Manoel, sem consultar ninguém, dita:

– Joman de Oliveira Opa.

José Vítor e a esposa Matilda, tratada por Tilda, são escolhidos para padrinho e madrinha, a maior prova de amizade que se pode dar. No momento em que o menino está sendo batizado é que das Dores toma conhecimento do sobrenome Opa. À saída da capela, com o filho no colo, ela exprime seu desagrado: – Isso é nome da capa, num é nome de gente, Manoel.

Ele dá seus motivos: – Quando Joman estava para nascer, cheguei a pensar que tu e a criança iam morrer. Então eu fiz uma promessa à Virgem Maria: se tu e ela se salvassem, todos os meus filhos receberiam o sobrenome Opa. E é graças a essa promessa que estamos todos juntos e felizes aqui hoje.

Surpresa com a revelação, a jovem mulher desanuvia o semblante e comenta: – Intonces o nome tá bem dado.

...

Das Dores dá à luz uma menina em julho de 1936, quando Joman tem onze meses. Se por um lado isto a deixa alegre, porque ansiava por uma filha, por outro aumenta suas preocupações com o menino. Ele está dando os primeiros passos, é muito ativo e exige cuidados para que não se machuque.

...

O crescimento da família o leva a pensar em ganhar mais dinheiro. ...Após algum tempo de observações, constata que o arroz é dos itens que mais pesam nas compras que fazem em Cachoeirinha, posto quase ninguém plantá-lo nas redondezas. Vislumbra aí a alternativa que procura. Conversa sobre o assunto com o compadre.

– Arroiz tem de ser ni terra incharcada – começa José Vítor explicando.
– Agora, que é bão, é bão. Se arranjar uma terra boa, vende tudo por aqui mesmo.

– Tu sabes de alguma?

– Eu cá sei, só num sei se o dono vende. Ele planta arroiz só num pedaço, mas num é todo ano não.

...

Florinda, a Tentação

...

– Estou a pensar em plantar arroz – começa Manoel –, e o senhor tem aquela várzea que me interessa. O senhor a vende?

– Vendo não. Preciso dela pra isso mesmo.

– Mas estou a ver que ela quase não tem uso...

– Mas eu cá num vendo não.

–As veiz o senhor arrenda ela – sugere José Vítor.

O velho aceita discutir o arrendamento, e eles chegam a um acordo. O direito de uso será de cinco anos, e Manoel pagará uma pequena importância depois de cada colheita.

Ele precisa de trabalhadores com experiência no cultivo do arroz. Aproveita a oportunidade para saber se os encontra por perto. – Tem uns agregado aí que intende – informa o fazendeiro. Depois de receber as indicações de duas casas, os compadres vão até lá.

Na primeira mora Zeca, um homem forte que, ao ser inquirido se quer o trabalho, mostra logo ser de poucas palavras.

– Quanto que ocê paga?

– Dez tostões por dia, está bom?

– Tá não! – responde rispivamente. – Vou por mil e quinhentos réis.

...

Na casa seguinte, encontram dois irmãos negros – uma moça, Florinda, e um rapaz, Abidias. É a jovem que toma a iniciativa da conversa. Diz que a várzea é muito fértil e que ele, Manoel, vai ganhar dinheiro lá. Ao falarem do salário ela informa: – Aqui nós trabaia por mil e quinhento os home e mil as muié.

Manoel olha para o compadre e balança os ombros.

– Está bem. Vamos começar logo.

– Já tá passano da hora – adverte a jovem. – Tem de prantar em outubro pro mode que ni dezembro lá enche de água.

– Vão os dois?

– Os dois. Tamo parado mesmo – de novo, ela.

– Então fica combinado para segunda-feira.

A jovem ainda faz recomendações sobre as ferramentas necessárias no começo. Os dois voltam à casa do tal de Zeca e seu serviço é contratado também.

A caminho de casa, Manoel comenta: – Que negrinha esperta! você viu, compadre?

– Ela é danadinha. E saída... vai falano e resorveno.

– E sabe o que fala.

...

Devido à distância, para não perder tempo nas idas e vindas diárias, resolve fazer o trajeto no seu ágil cavalo branco.

Na segunda-feira ele chega cedo, entrega as ferramentas aos três trabalhadores que já o esperam, tira o arreio, guarda-o na palhoça e põe o cavalo para pastar nas proximidades. Na volta indagalhes sobre a melhor forma de tocar o serviço. A jovem toma a dianteira: – Tem de começar capina no essas parte rala daqui e roçar aquele mato lá, e depois arrancar os toco – diz ela, mostrando com gestos. – Nós dive: uns capina, outros roça e tira os toco.

– É preciso arrancar os tocos?" – pergunta Manoel.

– Percisa – volta ela –, pra mode passar o arado, e num atrapaiá nós quando tiver cheio d'água. Vai ter que cunsertar aquela barrage lá – aponta para um amontoado de terra numa extremidade do terreno – pra segurar a água, porque arroiz gosta de água no pé e sol na cabeça.

Manoel examina a área com os olhos, ao mesmo tempo em que pensa, admirado, no interesse e na boa vontade que a jovem demonstra.

...

Manoel tenta raciocinar, mas não consegue – seus olhos ficam fixos na

jovem. Ela espera a resposta, mas, ao notar seu olhar insistente, abre um sorriso matreiro, alegre, que exhibe dentes alvos e olhos que brilham qual ônix lapidado. Os cabelos crespos e a face graciosa completam a imagem que parece hipnotizá-lo. Os olhos de Manoel escorregam pelo corpo abaixo, passando pelos seios fartos e firmes, a cintura delgada, o quadril bem torneado, a pequena parte das pernas que o vestido longo, de chita, permite ver, e chegam aos pés rudes, fortes, que calçam chinelos toscos. Ele se esforça, desvia os olhos e, ainda sem conseguir raciocinar, responde de modo automático:

– Não me parece mal. Vamos.

Florinda toma a dianteira e ele volta a fixar os olhos no corpo que caminha à sua frente, exibindo um traseiro ondulante. Pela cabeça passam-lhe pensamentos obscenos. Faz o sinal-da-cruz. 'Santíssima, por que tenho de aspirar sempre mais?', indaga com certa tristeza, lembrando-se do quanto é feliz e realizado com a esposa.

Os dois começam a capina lado a lado, e de vez em quando ele lança um rápido e furtivo olhar sobre a jovem. O balanço daquele corpo, quando ela bate com vigor a enxada no solo, parece-lhe um estremecimento de prazer. Faz o sinal-da-cruz várias vezes. 'Santíssima, por que tenho de aspirar sempre mais?'

...

Tenta pensar no sítio, no serviço que o aguarda quando chegar depois das quatro horas da tarde, e se distrai um pouco. E, sem perceber, aquele sorriso matreiro lhe vem à mente, como um retrato. 'É uma praga!' Faz o sinal-da-cruz. 'Santíssima...'

...

Não demora, aqueles seios fartos e firmes se agitam na sua mente. 'Maldição!' Faz o sinal-da-cruz. '...por que tenho de aspirar sempre mais?'

Rememora sua chegada ao sítio pela primeira vez e se distrai com o encantamento que das Dores lhe causara. Lembra-se de detalhes, inclusive dos momentos em que ela tirava os chinelos e pousava sobre eles os pés delicados. E então lhe vem à mente a imagem dos pés rudes que compõem a beleza selvagem desta jovem, beleza de fêmea em cio permanente, à espera de um homem, macho como ele. 'Sai, Satanás!'

O pobre homem passa a manhã nessa luta interna. ...

Na mesma tarde vai para a capela e começa a expiar seus pecados. Dobra as calças até acima dos joelhos, derrama caroços de milho no chão, ajoelha-se sobre eles, estende os braços para os lados em forma de cruz.

– ...Virgem Santíssima, perdoa os meus pecados e me livra dessa tentação... – e prossegue, diante da imagem santa adornada por jarros de flores plantadas e colhidas pela esposa.

...

– Que que é isso, sô Manoel? – indaga ela, simulando surpresa, ao mesmo tempo em que faz um movimento para juntar seu corpo ao dele.

Qual um garanhão possesso, ele a deita sobre o coxinilho e a possui freneticamente.

– Agora eu é só sua – diz ela, um tanto enigmática, com voz relaxada, quando descansam.

...

A certa altura, diz ele a Florinda: – Estou a pensar num lugar seguro para nos encontrarmos.

– Eu cá sei de um...

– Qual, qual?

– Hoje, quando nós acabar, vou na frente na tria e espero o sinhô.

...

Mas, como nem tudo são flores na vida, num dos encontros a jovem negra faz uma revelação. – Sô Manoel, o Zeca tá discunfiado...

– Por quê?

– Eu cá num seio... Acho que é pro que num tô querendo mais abrir as perna pra ele.

– Tu tinhas um caso com aquele gajo? – Ela balança a cabeça. – E já o largaste? – Ela demora um pouco, mas volta a balançar a cabeça.

– Quando o largaste?

– Depois que eu cá conheci o sinhô.

Manoel fareja problema no ar. Os dois estão sentimentalmente ligados e existe um homem mordido de ciúmes no meio. Pensa em tomar uma providência qualquer, para afastar um eventual perigo, mas, como sói acontecer

na maioria dos casos, fica apenas na intenção.

...

Tocaia

...

E é nesse astral tão elevado que, subitamente, Zeca, de tocaia numa curva, aparece com um porrete de mais de metro de comprimento e, antes que Manoel entenda o que se passa, aplica-lhe uma bordoadada nas costas, mais para o lado do flanco esquerdo. Com o susto e a pancada, ele solta a rédea, ao mesmo tempo em que toca o ventre do cavalo com a espora. O animal dispara. Desequilibrado, meio de lado, com os pés fora dos estribos, tenta acertar o corpo segurando-se no cabeçalho da sela e na longa crina. Não consegue, percebe que vai cair. Decide pular para evitar uma queda pior e o atropelo. Salta, mas assim mesmo cai desengonçado, esparramando-se e revirando-se no solo duro e em pequenos arbustos à beira da trilha. Quando consegue se situar no espaço e começa a ajeitar o corpo, Zeca chega correndo com o porrete.

Numa fração de segundo Manoel percebe que sua cabeça será partida. Faz um esforço extremo, dá um salto e intercepta o golpe. Os dois caem, Manoel fica por baixo e, quando sente que a força de Zeca está superando a sua pela posse do porrete, mantém a mão esquerda fazendo resistência, e com a outra, num movimento rápido como o raio, puxa a faquinha da cintura e aplica-lhe um golpe no pescoço. O sangue esguicha. Num primeiro momento, os dois se olham, perplexos, segurando o porrete, agora sem fazerem força. Em questão de segundos, Zeca tomba ao seu lado, enquanto o sangue continua a jorrar.

Aturdido, exausto, doído, Manoel ergue-se com dificuldade. Ao ver a cena de pé, fica desesperado e, mancando um pouco, caminha em torno de Zeca.

– Ai, ai, Virgem Santíssima! O que foi me acontecer?! Ai, ai, ai, meu Deus! ai, ai, ai. – Faz o sinal-da-cruz repetidas vezes.

O sangue que continua a jorrar forma uma grande poça. Zeca ainda se remexe, se estrebucha, depois pára. Manoel, em crescente desespero, bate a cabeça contra o tronco de uma árvore várias vezes, enquanto lamenta: – Ai de mim! Ai de mim!

...

– Compadre, compadre! – grita ao chegar.

Segundos depois a porta se abre, José Vítor aparece com uma lamparina na mão, logo seguido pela mulher e dois filhos pequenos.

– Cumpadre Manoel, é ocê? – indaga, afastando a lamparina para o lado, para enxergar melhor.

– Sim, sou eu.

– Ocê aqui essa hora?... Acaba de chegar.

– Não, obrigado – responde, contendo a aflição. – Eu caí do cavalo e estou ferido.

– Intonces apeia, cumpadre! – insiste José Vítor com aquela sua voz afável e cadenciada.

– Não, obrigado. Eu só queria que me acompanhasses até em casa porque estou a sentir muitas dores.

...

Continuam a conversar e, quando chegam à trilha principal, Manoel pede que o amigo pare. E todo o seu desespero vem à tona. – Aconteceu uma coisa terrível compadre, ai, ai, ai, terrível!... O Zeca, aquele gajo que trabalhava para mim tentou me matar. E eu acabei por matá-lo! Ai, ai, ai!

– Num diga, compadre!...

– Ai, ai, ai, compadre, o que vai ser de mim? Por que havia de acontecer logo comigo? Ai, ai, ai. – E continua a se lamentar. Alguns segundos após o impacto José Vítor retorna: – Acarma, compadre. Me conta cumo que foi.

...

Podia Ser Um Pesadelo

Em casa Manoel encontra das Dores aflita. Fala-lhe rapidamente da queda e evita expor-se a uma claridade maior.

– Ocê tá machucado?

– Não a ponto de que te preocupes. Preciso apenas que me arrumes um pouco de água com sal para passar depois do banho.

Pega rapidamente uma ceroula limpa, um lampião e vai para o córrego. Lava-se bastante, depois lava a roupa, que tem ainda muito sangue. ...

Deita-se, mas não consegue dormir. A cena, com todo o seu horror, passa e repassa pela sua mente – a súbita bordoadada, o cavalo em disparada, ele pulando, Zeca à sua frente com expressão de ódio, o porrete erguido com as duas mãos, a luta e, de repente, o sangue esguichando. 'Podia ser um sonho... um pesadelo...'

É uma noite infernal. 'Nem rezar consigo', constata com arrepios. Os tormentos são tais que começa a duvidar até de José Vítor. 'Para que fui lhe contar? Agora minha vida está nas mãos dele!' 'Manoel é o criminoso! Manoel é o criminoso!', grita repetidamente a turba liderada pelo compadre. Um soldado marcha à frente. 'Podia ser um sonho... um pesadelo...'

...

Em casa, Manoel pega Joman no colo, aproxima-se do compadre e diz ao filho: – Pede a bênção ao padrinho.

O garoto estende a mão direita.

– Bença, padim.

– Deus te abençoa. Tá cada veiz mais isperto, hein?

– Está a falar qual um papagaio – comenta Manoel.

– Artero, que só ele – atalha das Dores, em tom de queixa, enquanto serve o café. – Dá trabaio o tempo todo. Mexe ni tudo.

– Criança é assim mesmo, cumadre.

...

Decorridos trinta dias da tragédia, ele procura a viúva. Precisa saber como está vivendo e o que pensa.

– Estou triste com a morte do seu marido – começa Manoel.

– Ele tava com muita raiva do sinhô... – diz ela levantando suspeita. – Pro mode quê?

Ele se assusta e arregala os olhos.

– Não sabia, minha senhora – responde, gaguejando ligeiramente. Ficam em silêncio. Ele retoma, inventando uma justificativa: – Um dia reclamei que ele estava lento no trabalho. Talvez esta tenha sido a razão. Ele se aborrecia com pouca coisa.

Mais um curto silêncio, e continua: – A senhora deve estar a passar dificuldades...

– Tá difíce mesmo. Os minino tão piqueno.
– Estou a pensar numa maneira de ajudá-la. Afinal, seu marido trabalhou para mim até uma semana antes.
– Eu cá preciso de trabaiá pra dá de cumê pras criança.
– A senhora pode trabalhar no arrozal, no lugar do seu finado marido. Até a ocasião dos serviços vou lhe pagar mil réis por semana para a senhora olhar o arroz que está guardado na palhoça. Aquele arroz vai servir de semente para o próximo plantio. Queres?
– Eu quero, uai!
Manoel a conduz à palhoça e sai de lá satisfeito. ...

Definitivamente Ligados

Na primeira vez que ele e Florinda ficam juntos no relvado, após toda a tragédia, a jovem está um pouco calada.

– O que tens, minha boneca de ébano? – indaga a certa altura.
– Minha doença do meis num veio...
– Não veio?... – Dá um meio sorriso e exulta em seguida. – Então vou ser papai de novo? Que maravilha!

Florinda se assusta com esta reação. Ela esperava um xingatório, o abandono, ou, na melhor das hipóteses, uma indiferença. Leva alguns segundos para se recuperar e dá, por fim, um sorriso meio amarelo.

– Será menino ou menina? – volta o entusiasmado português, deitado ao lado, cotovelo na grama, cabeça apoiada na palma da mão, sorrindo. – O que tu achas?

– Eu cá num seio – replica, ainda sem participar da animação dele. – Tô priucupada....

– Não te preocupes. Não vou te deixar faltar coisa alguma. Vou registrar a criança! – conclui, olhando-a, torcendo para que o sorriso franco volte.

– Eu cá tô com medo.
– Não há motivo para temeres. Apenas não vamos dizer que a criança é minha. – Faz uma pausa. ...

...

Entretanto, quando o ventre de Florinda se avoluma, circula pela comunidade, à boca pequena, que Manoel é o pai da criança. Circula também uma conversa de que ele dá uma ajuda financeira à viúva do Zeca. Um sujeito, conhecido por sua maledicência, comenta com todos que encontra:

– O Manoel da opa é um trem doido. Dá conta de treis muié e ainda trabaia que nem um burro de carga.

Os comentários ganham mais força na época de preparo da várzea e do novo plantio do arroz. Ele contrata mais dois homens e destina às duas mulheres serviços leves. A viúva, que também está grávida, e Florinda gozam de privilégios: podem ir em casa quando precisam, não sendo necessário avisar a quem quer que seja. A viúva abusa da permissão, enquanto Florinda raramente se afasta do serviço.

As relações dos três cunhados com ele azedam. No início passaram por cima dos rumores de que Manoel tinha um caso com Florinda. Mas agora é diferente: ela carrega um filho e, para piorar, existe outro caso com a viúva do tal de Zeca. Os três irmãos articulam um encontro com ele no sítio, em local mais afastado, sem avisá-lo, e cada um dá seu recado.

...

A vida continua, e a comunidade vive a expectativa do nascimento da criança.

Separação na Família

Em dezembro de 1937 Florinda dá à luz um menino, e a notícia corre rápido.

– É um mulato que tem a cara do Manoel da opa – cochicham, em tom de fofoca.

...

Nesse mesmo dia, Manoel e dois trabalhadores estão, como nos demais dias dessa época, ocupados nas tarefas de arrancar ervas esparsas que resistiram à inundação da várzea, em controlar a vazão da água e desobstruir áreas para garantir uma irrigação uniforme. À tarde, quando se prepara para ir embora, Manoel indaga a Abidias, um dos trabalhadores, como estão

passando Florinda e a criança.

– Tão bem – responde timidamente, como é seu jeito.

– Quero que me digas se está a faltar alguma coisa.

– Tá não. – Faz uma pausa e balbucia: – Meu pai... – não conclui.

– Teu pai, o quê?

– Ele... – volta vacilante – ele tá triste pro causa das coisa ruim que o povo tá falano...

Manoel sente um aperto no coração. É desnecessário fazer mais perguntas ao jovem e humilde Abidias. Ao voltar para casa, toca o cavalo em passo miúdo. Imagina que Florinda também sofre humilhações e sente-se responsável. Pensa no futuro do filho – que ainda nem conhece –, criado em tais circunstâncias. Precisa encontrar uma saída para esse problema.

...

No dia seguinte, quando está escurecendo, Manoel, já de volta, antes de chegar ao sítio, pega outra trilha que também leva à região onde mora Florinda. Chega à casa dela quando já é noite. A primeira coisa que faz é pedir para conhecer o filho.

Florinda o tira de um balaio, suspenso por cordas amarradas ao madeiramento do telhado. Manoel, assentado, recebe a criança e a põe no colo. Sua emoção não é expressa em palavras, mas no longo silêncio de embevecimento em que fica olhando para o bebê, sob a luz de uma lamparina. Depois informa a todos: – Estou a pensar que é preciso sair daqui. O melhor lugar que encontrei é perto de Itanhomi. O que acham?

– Eu cá acho que vai ser um descanso – responde Chico, pai de Florinda.

– Então, preparem-se. Depois de amanhã, antes do sol nascer, estarei aqui com a tropa para levar a mudança.

Prossegue a viagem para casa, pela outra trilha, usada habitualmente.

Sua chegada é um alívio para das Dores que, contudo, não ousa indagar-lhe o que planeja. Teme ouvir do marido que sua decisão seja ir-se embora.

...

A comunidade toma conhecimento da mudança de Florinda, porém de forma distorcida. E a notícia corre.

– O Manoel da opa largou a das Dores! – comentam uns com os ou-

tros, excitados, naquele estado próprio das pessoas que se deliciam com a desgraça alheia.

Como em qualquer comunidade do mundo, nesta também existem os que querem ver o circo pegar fogo. Especialmente se o fogo está atingindo gente bem-sucedida, seja em que área for. Um peão, ao cruzar com Cândido na estrada, no mesmo dia, comenta, jogando lenha na fogueira:

– Que coisa, hein Cândido! o Manoel da opa tá tão caído pela Florinda que foi simhora levando inté a famia e a mudança dela, numa tropa de todo o tamanho.

...

– Sei não... Acho que num carece. Ele vai vortar – replica das Dores.

– Vortar?... – retorna Cândido, indignado. – Será que a minha irmã num tem vergonha? – E dá um ultimato, gritando: – Se ele vortar algum dia e ocê quiser ele, eu vou simhora, tá avisada. Se ocê num tem vergonha, eu cá tenho. Já avisei e tá avisado!

Das Dores começa a chorar.

– Mamãe! Mamãe! – exclama Joman ao lado.

– Mamã! Mamã! – faz coro Belma.

...

Manoel, por outro lado, está viajando com a família de Florinda. Ela vai montada num cavalo com a criança, a mãe no outro. O irmão e o pai seguem caminhando. A mudança vai nos animais de carga. Ao fim de dois dias chegam a uma fazenda perto de Itanhomi, cujo proprietário, chamado Tônico, concordou em acolher a família numa pequena casa que está desocupada. Manoel fica ali três dias, durante os quais toma providências para que se sintam acomodados e seguros. Deixa-lhes uma quantia em dinheiro e avisa que periodicamente enviará mais. Combina com Tônico para que este lhes preste assistência nos primeiros dias de adaptação. Seis dias depois de ter saído do sítio, está de volta.

Nesse período, as três cunhadas se revezaram em permanente companhia a das Dores. Ela, que sabe a falta que o marido lhe faz, recebe-o com alegria, mas também com preocupação.

– Manoel, num sai de casa não, o Cândido tá muito arrevortado.

– O que está ele a dizer?

Após alguns segundos de silêncio, responde baixinho: – Falou em te matar... Depois em ir simbora.

Ele acha prudente seguir a advertência da mulher.

Cândido cumpre a promessa. Ao ver que o cunhado voltou e foi recebido pela irmã, monta um cavalo e vai a Cachoeirinha. Aluga um caminhão, volta e põe nele a mudança e a família. Segue para Figueira do Rio Doce. ...

...

A assistência financeira a Florinda é dada mensalmente, de modo sigiloso, por intermédio do compadre José Vítor, que atua como portador. Ele traz, naturalmente, notícias de Florinda e do filho. E as notícias, sempre boas, aumentam a saudade que Manoel tem deles. Isso o leva a idealizar uma forma de assisti-los pessoalmente, sem causar constrangimentos a das Dores e a sua família, e, de quebra, ganhar mais dinheiro: comprar café na região e revendê-lo em outra.

Em maio de 1938 nasce Peri, nome dado em homenagem a Pedro, o sogro, e Risoleta. O sobrenome é também Oliveira Opa. ...

A essa altura Joman está com quase três anos, tem uma atividade impressionante e recebe as primeiras chineladas – Pra aprender a obedecer, diz das Dores. Curioso, mexe em tudo que está a seu alcance e faz perguntas incessantes. O pai responde a todas, mas a mãe tem pouca paciência para isso. Inicia-se uma luta entre mãe e filho, um desses embates em que os dois lados saem perdendo.

[Comprar o livro](#)

Capítulo 4 – A Luta

Começa uma luta entre o ativo Joman e sua aflitiva mãe. A dinâmica do núcleo familiar. O autor faz reflexões sobre a dinâmica da família.

(Informação: Três pontos (...) entre parágrafos indicam que outros parágrafos foram retirados; no começo ou final de parágrafo indicam que textos foram retirados daquele parágrafo)

Punições Físicas e Repressões que se Consolidam

A despeito de achar que sua dedicação aos filhos pode estar comprometendo o convívio com o marido, das Dores não muda neste particular. Ao contrário, os zelos aumentam de tal modo que se tornam atormentados. Receosa de que se machuquem, ou adoçam, ela os mantém o tempo todo à sua volta. Risoleta participa desses cuidados, muitas vezes até cobrando maior vigilância da filha.

A vontade de das Dores é manter o filho e a filha mais velhos confinados em casa e no quintal delimitado por cerca de madeira; ou, no máximo, permitir-lhes ir à casa dos avós, ou brincar na frente das duas casas, sob seu olhar vigilante. Por outro lado, a vontade de Joman é exatamente o oposto: quer explorar o mundo ao seu redor. Ele parece uma pequena tocha, de combustível inesgotável.

...

Os dias na casa de Manoel são entrecortados por gritos nervosos de das Dores e choro de crianças, especialmente de Joman.

– Óia o que ocê feiz, seu artero! – grita ela um dia em que o garoto derruba a prateleira da cozinha, esparramando vasilhas, ao tentar subir para alcançar um doce. E completa a reprimenda com algumas chineladas.

– Ocê é muito malvado – queixa-se das Dores, em outra feita, tomando-lhe uma boneca de pano que ele acabara de pegar, depois de puxar os cabelos da irmãzinha.

– Ocê num tem cabeça, não? – pergunta, irritada, outro dia, quando ele entra em casa triunfante, segurando pelo pescoço uma galinha que se debate. – Sorta ela, disalmado! – grita, aplicando-lhe em seguida uns tapas na mão.

... Encontra-o trepado numa goiabeira a pouco mais de um metro do chão.

– Num tem jeito, ocê num me obedece mesmo; veve me passano susto – diz, entre aliviada e irritada, aos gritos.

Tira-o com certa violência e ali mesmo aplica-lhe várias chineladas, dizendo coisas como “Com ocê só amarrado”, “É muleque demais”, “Toda hora desobedece sua mãe e sua vó”, sem dar ouvidos ao seu choro. Em casa a avó completa as reprimendas:

– Joman, Joman, ocê pode cair da arve e quebrar o braço. Pro mode quê ocê num obedece?

Qualificações de arteiro, mau, desobediente, estão definitivamente associadas ao pequenino Joman. Contudo, as depreciações, palmadas e chineladas são insuficientes para apagar aquela tocha, até que ocorre um fato mais dramático, pelo menos na visão de das Dores. ...

Quando Manoel assiste a essas cenas, mostra-se condoído e pede paciência à mulher.

– Com este muleque artero num tem jeito, é só cortano no coro – responde invariavelmente.

Ele, sempre que pode, leva as crianças à roça e, enquanto trabalha, elas se esbaldam por ali.

À noite, depois que as crianças dormem, das Dores tem sossego. É quando se volta para o marido, meiga e atenciosa, como era, o tempo todo, antes do nascimento de Joman. É até capaz de sustentar um diálogo sensato. Manoel quase sempre espera essas ocasiões para conversarem. Tem esperança de que a mulher mude com os filhos. Em uma dessas oportunidades retoma o assunto, uma vez que naquele dia ela aplicara uma surra no garoto por um motivo banal.

– Teus medos e aflições estão a prejudicar as crianças. Precisas mudar, das Dores, deixá-las mais livres... – começa.

– Eu cá acho que se acontecer alguma coisa com qualquer um eu indóido.

– Às vezes fico a pensar que na tua cabeça e na de tua mãe só existem as crianças em perigo. – Ela fica em silêncio, um silêncio de assentimento. – Já me disseram que quando eras criança ela tinha as mesmas aflições contigo.

– Num alembro...

– E que quando eras crescida, tu só ficavas dentro de casa.

– Isso eu alembro.

– Tu estás a repetir o que ela fez. E as crianças estão a ficar medrosas como tu.

– Eu queria tanto ser dispriucupada, Manoel... Oê num sabe cumo que eu fico cansada...

– Imagino...

– Os fio dá muito trabaio.

– Quando criados com aflições. Sem aflições é um trabalho normal, ora pois!

...

– Falano assim parece face, mas aminhã... – retorna ela, a indicar que existe uma diferença entre pôr em prática o que lhe é sugerido e o que consegue fazer.

De fato, na manhã seguinte está ela com o “Num faiz isso!”, “Fica que-to!”, “Num sai não!”, “Cuidado!”, “Se num obedecer apanha!” As palavras de Manoel ficam no vazio. E ele perde a fé naquela mudança por parte da esposa.

A luta entre mãe e filho começa a ser perdida por este, e antes dos cinco anos o ativo e intrépido Joman está com a aparência da luz de uma vela prestes a se apagar. Ele quase não sai e até ajuda a mãe nos afazeres domésticos. Outrora falante, passa a maior parte do tempo calado. Quando aparece alguma visita, pede a “bença”, tal como a mãe o ensinou, responde às perguntas com monossílabos, encosta-se a uma parede e, de boca aberta, acompanha as conversas. Fica de tal modo absorto que escorre saliva pela boca, molhando a camisa. Vez por outra, das Dores o repreende na frente das visitas:

– Fecha a boca, Joman!

Ele obedece. Mais alguns minutos e está babando de novo.
Que futuro aguarda esse garotinho?

Hiato

Parece que a meiga das Dores transformou-se numa megera e que Manoel é um fraco. Mas isso, talvez, não corresponda à realidade. A descrição sucinta dos acontecimentos que envolveram o pequeno Joman, transformando-o de menino ativo em uma tênue luz de vela, deixou de fora elementos importantes para um julgamento justo. Por isso, é necessário colocar pingos em alguns is.

E, por fidelidade aos fatos, é preciso destacar que das Dores é movida por um cuidado em relação aos filhos que surte resultado naquilo que é a fonte de suas preocupações: a saúde física deles. ...

São cabíveis algumas reflexões sobre Manoel também. Primeiro, lembrando que o seu grande amor pela esposa, associado à crença de que casamento feliz é aquele em que a esposa é feliz, tornou-o uma pessoa extremamente dedicada. Não se sabe como essa crença surgiu; é provável que tenha sido como a maioria: transmitida subliminarmente – de modo voluntário ou não –, no cotidiano. E seu pai pode ter desempenhado papel importante neste particular. ...

Com respeito ao pequeno Joman, é conveniente tornar claras algumas coisas que estão implícitas. O convívio com a mãe apresenta uma ambivalência. De um lado, das Dores transmite-lhe os medos que tem, reprime à força sua natureza ativa, sobrecarrega-o com julgamentos negativos; de outro, volta e meia tem um carinho para dar, em atos e palavras. Uma segunda ambivalência implícita encontra-se no núcleo da família, na mãe e no pai. Das Dores, sempre preocupada, cerceia-o pela força; Manoel, com sua paciência sem limites, dá todo o espaço que pode e mostra claramente seu desacordo com algumas condutas da esposa. De modo inverso,

...

Voltam as Barreiras

Em março de 1941 Manoel recebe uma notícia ruim do fazendeiro dono da várzea. Este lhe diz que, depois da colheita, completados os cinco anos de arrendamento, quer o terreno de volta. "Como será daqui para frente?", indaga-se com uma ponta de temor, e com razão. Ele dá dinheiro com regularidade para Florinda e, de quando em quando, à viúva de Zeca. A perda dessa renda com o arroz inverte as perspectivas: ele que vinha tendo sobras, e aumentando o gado, corre o risco de passar a ter faltas, de se descapitalizar. Como evitar que isso aconteça? E como fica o sonho de enriquecer-se no Brasil, acalentado durante a adolescência? É impossível sepultá-lo. Desistir do sonho é desistir da vida, e ele não é pessoa de entregar os pontos com facilidade.

Reflete muito sobre o assunto e conclui que chegou a hora de sair, de estabelecer-se em Cachoeirinha. Além da questão financeira e econômica, alimenta a esperança de que, longe de Risoleta, das Dores se torne mais amena com os filhos e, ainda, que eles freqüentem escola e tenham mais convívio com outras crianças. ...

– Num carece nós se mudar– replica ela. – Ocê arruma otro negócio e o Joman entra na escola daqui mesmo.

– Aqui não tem escola, ora pois! Essa professora que tem aqui mal sabe ler e escrever. As crianças precisam freqüentar uma escola de verdade. Devemos pensar no futuro delas.

Das Dores fica apreensiva com a conversa. Sabe que o marido tem razão, mas alguma coisa no seu íntimo resiste. Procura a mãe no dia seguinte para relatar o propósito de Manoel.

– Fala que ocê num vai! – rebate Risoleta em tom enérgico. – Aonde já se viu morar num lugar iscumungado que nem aquele? Tem trem, tem rio, tem cavalo correndo nas rua, e todo dia tem gente matada. – Faz uma pausa e pergunta em tom dramático: – Ocê quer ver seus fio morto? Alejado?

– Ele fala que tem a escola...

– Dexa de ser boba. Se ocê falar que num vai, ele tomém num vai.

Das Dores segue o conselho da mãe. Mais uma vez o marido se dobra

e adia a mudança.

...

Todas as vezes que passa pela estrada, dá uma chegada na casa da viúva, ouve seus queixumes e, penalizado, sempre lhe arruma algum dinheiro.

No início de 1942, alertado pelo começo do período letivo, Manoel volta ao sonho da mudança, mas das Dores finca o pé. Ela retruca dizendo que não adianta se mudarem agora porque Joman só vai fazer 7 anos em agosto, idade mínima para entrar em uma escola regular.

– Mas eu posso cuidar de estabelecer o comércio este ano – replica.

– Eu morro naquele lugar, num vou ter sussego. Deixa pro ano que vem, dexa?... – suplica ela, qual uma criança quando pede algo ao pai complacente. – Aí ele vai tá mais grande.

Outra vez o amor se curva à razão.

Mas Manoel tenta um acordo: colocar o filho, já, para frequentar as aulas na casa da tal professora, situada a três quilômetros do sítio. Quer que ele comece a conviver com outras crianças, pois no sítio brinca no máximo com os primos e, mesmo com estes, só na presença de das Dores. Acredita até que vai ser bom para o filho ficar afastado da mãe e da avó numa parte do dia – se, de uma lado, a tal professora tem pouco para ensinar, de outro, aquela convivência poderá torná-lo mais ativo. Não revela tais pensamentos à esposa, para que ela não se sinta ofendida. Usa como argumento a necessidade do garoto aprender a ler e a escrever, e que ela, das Dores, havia dito, no ano anterior, que os filhos podiam entrar na “escola” da região.

– Essa lonjura toda, cumo que ele vai andar isso tudo? – replica ela, levantando dificuldade.

– Já pensei nisto também. Para que fiques sossegada, o Zezito vai levar e buscar todos os dias na garupa de um cavalo.

Das Dores cede a contragosto.

O primeiro dia de aula é um suplício para a aflitiva mãe. À saída, faz repetidas recomendações a Zezito para ir andando devagar, jamais trotar, e nem em sonho galopar. Assim mesmo, fica em casa imaginando coisas dramáticas – ora o rapazinho não segue as instruções e, na sua mente, vê o fi-

Iho caindo; ora, a um descuido da professora, Joman sai da casa onde são dadas as aulas e se embrenha pelo mato. ...

Por outro lado, o garoto mostra um interesse incomum em aprender. Quando está em casa, fica horas lendo a cartilha e fazendo cópias na lousa – um minúsculo quadro negro com moldura de madeira – com um giz achata-do e resistente.

Um dia, no primeiro mês de aula, é o próprio Manoel que leva o filho. Aproveita para conversar com a professora.

– Como está a se sair o Joman?

– Ele aprende fácil, mas é muito queto, num brinca no recreio, parece triste – responde a professora.

– Mas ele gosta de vir. Creio que com o tempo vai passar a brincar.

Contudo, o tempo mostra que Manoel está equivocado. O máximo que o garoto faz é ficar, durante o recreio, olhando os colegas brincar. Prefere mesmo andar à volta da casa, observar animais, pegar borboletas ou bichinhos nas plantas.

...

No final de 1942 ele decide enfrentar a resistência da esposa, a fim de se mudarem. Opta em definitivo por Cachoeirinha, que desde 1938 é distrito. É lá que vai, com mais regularidade, vender e comprar, e assiste ao seu intenso progresso. Por outro lado, a zona urbana já não se apresenta como lugar onde corra maior risco de ser preso do que na roça. E desta vez não consulta a esposa – simplesmente comunica sua decisão.

– Mas Manoel... – ele a interrompe.

– Lembre-se do que me prometeste. Já não posso esperar mais.

– O que ocê vai fazer lá?

– Vou montar uma padaria, ora pois! – responde com animação. – Lá não tem nenhuma. É freguesia certa. E vou ganhar mais dinheiro no negócio do café. Aqui estou no meio do caminho: não é onde se compra e nem onde se vende. – Faz uma pausa e prossegue: – Eu vou primeiro, ponho-me a construir a casa e mudamos quando estiver pronta. Todos os sábados à tarde virei aqui.

...

No calor dos preparativos, elabora um plano para não só continuar com o comércio do café, mas também aumentar sua escala. Procura o compadre José Vítor e propõe que ele venda seu pequeno pedaço de terra e compre outro próximo de Cafezinho ou Itanhomi, e se torne seu comprador lá. Nas épocas de colheita, deverá comprar e estocar, como ele próprio fez nas duas últimas, porém em maior escala. Cuidará também do transporte para Cachoeirinha e receberá uma porcentagem do lucro. Depois de ouvi-lo com interesse, José Vítor responde:

– Uai, cumpadre, a idéia é boa. Eu tô mesmo massano barro aqui. E o negócio de café, sendo muito, é bão.

– E tu ainda vais me fazer o favor de dar assistência à Florinda e ao menino. Com a minha mudança ficará mais difícil minha ida lá. – Faz uma pausa e acrescenta: – Acho que nem precisava dizer, mas esse assunto fica só entre nós dois.

Eles detalham o acordo. Na safra que vai começar em maio, José Vítor já estará fazendo as compras e transportando. Manoel, além de fincar o pé em definitivo nesse comércio, uma vez mais, unirá negócios e sentimentos.

[Comprar o livro](#)

Capítulo 5– Reveses da Vida

Jomam começa a conviver com outros meninos e a freqüentar a escola, e sofre as primeiras decepções fora de casa. O sofrimento dos primeiros anos, a paixão oculta na pré-adolescência, as dificuldades em se ajustar, as angústias, as humilhações, os esforços desesperados para conseguir conviver com os outros e ser respeitado, assim como os perigos, são temas deste capítulo, o qual alcança até a idade dos dezoito anos.

(Informação: Três pontos (...) entre parágrafos indicam que outros parágrafos foram retirados; no começo ou final de parágrafo indicam que textos foram retirados daquele parágrafo)

A Caminho do Outro Sonho

Finalmente, em janeiro de 1943, Manoel segue para Cachoeirinha. Segue contente, feliz até. Faz esta viagem com nove anos de atraso... nove anos! "Como o tempo passa depressa! E quanta coisa aconteceu!" – diz para si mesmo. – "Mas vou começar em situação melhor do que naquela época", completa satisfeito. Tem a convicção de que o outro sonho, que o levou a cruzar o oceano, vai começar a se concretizar agora – ficará rico, sem dúvida alguma.

Com entusiasmo, compra um terreno, contrata gente especializada e inicia logo a construção. Ele também pega firme no serviço.

E, tal como acontecia na roça, o sotaque português, aliado à sua jovialidade, o tornam popular e estimado. O apelido, já conhecido de muitos, consolida-se por causa do seu semblante orgulhoso ao desfilar pelas ruas trajando a opa, quase todo fim de tarde, nas idas à igreja para rezar. Na caminhada ouve gracejos e os responde bem-humorado.

– Manoel da opa, ocê tá indo na igreja rezar ou procurar uma neguinha? – O caso com a jovem negra é conhecido por alguns.

– Procurar sua mamãezinha, ora pois! – responde ele rindo.

– Manoel, por que ocê num manda fazer logo uma batina no lugar da

opa?

- Não sabes que ela está guardada para a tua extremaunção?
- A bença, dom Manoel.
- Deus te abençoe, filho de uma digna senhora.

As pessoas repetem as perguntas diariamente, apenas para ouvir seu sotaque. Mas os gracejos não se limitam ao trajeto dessa caminhada. Em qualquer lugar aonde vai, há sempre alguém que brinca com ele.

- Manoel da opa, ocê travessa mata-burro?
- De jeito nenhum – responde ele com bom humor. – Não sou tolo, ora

pois!

Mata-burro é uma estrutura de madeira, geralmente de dois ou três troncos, assentados na direção do leito da estrada de terra, sobre os quais são pregadas ou encaixadas pranchas estreitas, perpendicularmente, a espaços, para impedir a passagem de animais. É, obviamente, uma brincadeira de mau gosto, mas é também a pergunta que mais lhe fazem.

...

Desgostos do Menino

Ao chegar em Cachoeirinha, num final de tarde, das Dores fica transformada ao perceber a quantidade de perigos a que estarão expostos os filhos. Pela rua passa todo o movimento de gente e mercadorias de um lado para o outro do rio. Aquilo, para ela, é um espanto. O rio, que fica próximo, e que é avistado da frente e dos fundos da casa, parece-lhe um espelho traiçoeiro. O trem de ferro, na sua mente, é um monstro que vai esmagar as crianças, se não ficar vigilante. E para completar suas atribulações, o povoado tem uma meninada ociosa que lhe causa arrepios. Ela esteve no lugar umas poucas vezes, com o pai, e depois com o marido, mas sempre rapidamente; já agora, com os três filhos, e ainda para morar, parece um horror! As crianças, ao contrário, ficam excitadas com as novidades. Das Dores passa em claro a primeira noite, tal sua agonia.

Quando amanhece, ela previne os filhos: – Num sai pra rua, nenhum docêis.

Joman vai para frente da casa e observa. O sol, que começa a se le-

vantar, bate em cheio em seu rosto, como se fosse em linha reta. Lá embaixo, à esquerda, no fim da rua, a aproximadamente duzentos metros, o rio corre em direção ao sol. Em frente à casa começa uma outra rua, que termina cerca de cem metros adiante, num muro alto; dizem-lhe que lá é o cemitério. Mais acima, onde começa a Rua da Barca, há um enorme espaço, pelo qual passaram na chegada. Seu coração acelera-se com esse panorama. As novidades parecem despertar o menino curioso que ficou adormecido em um longo sono hibernar.

Ele aproveita que a mãe está ocupada em organizar as coisas e dá uma escapada até a beira do rio. ...

...

Depois sai e vai rápido para onde começa a rua. Chega à beira das duas linhas do trem, numa suave depressão, bem no meio da área espaçosa, que além de larga é comprida a perder de vista, tanto do lado esquerdo como do direito. “– Ocêis num vem aqui não!”, lembra-se da mãe falando quando chegavam, na tarde anterior, o que foi, naturalmente, um estímulo à sua curiosidade. Volta e fica um pouco na esquina da Rua da Barca com aquele espaço. Do lado de lá e do lado de cá, existem casas esparsas, algumas estranhas, compridas, de tamanho tão grande que ele jamais imaginou existir (são galpões de atacadistas de cereais). Em toda a extensão, árvores enormes, distantes umas das outras e distribuídas aleatoriamente, lembram as que existem nas manchas de matas do sítio. Carroças puxadas por animais transitam de um lado para outro, carregando coisas e levantando um pouco de poeira. Gente a pé ou a cavalo anda para todos os lados. Pessoas conversam, entram e saem de casas de comércio. Ele fica de boca aberta, pasmo com tudo isso.

Logo, logo, é cercado por alguns garotos. Tal como ele, usam calças curtas; diferentemente dele, andam descalços. Seu retraimento dá margem a que comecem a zombar.

– Ocê chama Manezinho da opa? – indaga um dos meninos, seguido de risos dos demais, numa alusão à alcunha do pai. Joman não responde, mas estranha – existe algo errado consigo?

– É Manezinho da opa? – insiste o menino.

– Eu cá chamo Joman – responde, quase em sussurro.

– Chama cumo?

Ele repete, um pouco mais alto.

– Joman? Isso é nome? – volta o mesmo menino.

– Macaquero tem cada nome... – comenta outro. Mais risos. – Ocê tomém num travessa mata-burro não?

Ele conhece mata-burro, por isso não entende a pergunta, e menos ainda os risos debochados. O grupo se dispersa e ele continua vagando ali por perto.

Alguém chama a atenção para a maria-fumaça, que surge ao longe, do leste para o oeste, e a maioria das pessoas interrompe o que está fazendo para vê-la. A primeira reação que ele tem é de medo e ímpeto de correr para casa. Olha para os lados e observa que as pessoas estão tranqüilas. Resolve esperar. Para se garantir, fica quase encostado a um homem; se este correr, ele corre também. Quando compreende que ela caminha sobre os trilhos, acalma-se um pouco. Fica a observá-la, com uma ponta de assombro, tentando entender as manobras que faz. Não tarda, sua mãe aparece, com semblante desvairado.

– Joman, já pra casa! já pra casa! – grita ela. No caminho ouve reprimendas o tempo todo.

– Mamãe, num bate ni mim, não... – suplica.

Em casa suas súplicas se repetem em vão. Toma algumas chineladas. – É procê num me desobedecer mais – diz ela com energia e, em seguida indaga, em tom dramático: – Ocê quer morrer dibaxo do trem?

...

Mais tarde, já refeito, o garoto relata para a mãe, que está na cozinha preparando o almoço, o que os meninos disseram.

– Esses muleque num tem o que fazer – comenta das Dores. – Eles fica bestano na rua, caçano increnca. – E faz um alerta: – Num vai brigar com eles, não! Eles pode te bater. – Em seguida, interrompe o trabalho, olha para o filho e adverte: – Joman, num cunfia ni ninguém viu! Ocê num pode cunfiar nem na camisa que ocê veste. Todo o mundo só quer atrapaiá nós. – Volta-se para o fogão, em seguida.

Ele fica, pensativo, observando a mãe por alguns segundos.

...

No terceiro dia ele arrisca nova saída. O encontro com a garotada é do mesmo jeito: todos fazem zombarias, em seqüência, um após o outro.

– Óia o macaquero que veve na barra da saia!... – risos. – Ele fala “eu cá”... – mais risos. – Ocê tomém num travessa mata-burro, não? – continuam os risos.

– Travessa ou num travessa?

– Travessa?

– Travessa?

– Ele chama Travessa!

Joman fica mudo o tempo todo, apesar de aborrecido e irritado. Quer ir embora, mas a vontade de apreciar o movimento o mantém ali, até que sua mãe aparece.

Nos encontros seguintes, os meninos continuam a zombaria: – Óia o Travessa!

Ele, que já sabe o significado implícito do apelido, explicado por Zezito, limita-se a responder desgostoso: – Eu num é burro não.

O desgosto demonstrado é um estímulo para que retornem gritando: – Travessa!

E, quanto mais ele insiste em responder, mais alto gritam.

...

Nessa época mudam o nome do distrito para Tumiritinga, um nome indígena, mais adequado do que o anterior, porque significa pequena corredeira, que é, efetivamente, o que existe mais abaixo no rio.

Horror Súbito

Em um desses primeiros dias, Joman e o irmão Peri, movidos pela curiosidade, entram num beco. No fundo existe uma construção em que as paredes são feitas de tábuas de madeira, colocadas na vertical. A porta está aberta; alguém os chama lá de dentro.

– Vem cá!

Eles entram. Um sujeito ergue-se, pega uma vasilha qualquer e, ante o espanto dos dois, urina nela e a entrega a Peri.

– Bebe o chá! – ordena ele, sentando-se em uma cama.

Peri chora. A ordem volta através de gritos. Joman, atordoado, fica estático. Peri toma um gole e continua a chorar. O sujeito, de pênis ereto, está agora diante de Joman. Este diz algo, recebe um tapa no rosto, cai, e entorna a urina. O sujeito o agarra dizendo: – Me dá, me dá...

– Mamãe! Mamãe! – gritam os dois, desesperados.

...

Brincadeira Infeliz

Passados pouco mais de dez dias da mudança, com a padaria funcionando e dados os últimos arremates na construção, Manoel procura a professora com a intenção de matricular Joman no segundo ano primário. Embora ele não tenha completado 8 anos de idade, ela se dispõe a estudar o caso e ver se o menino pode acompanhar a turma, mas precisa da sua certidão de nascimento.

...

Sai de lá com os três papéis, sem examiná-los e, para ganhar tempo, passa na escola. Como não é horário de aula, entrega o de Joman a uma jovem de vinte anos, chamada Valdete, encarregada da arrumação.

...

... Assim que chega ao pátio, Joman ouve gritos de vários meninos.

– Olha o Travessa “Ôpa”! Olha o Travessa “Ôpa”! - risos e gargalhadas ecoam simultaneamente. A algazarra generaliza-se. Fazem um círculo em torno dele.

– “Ôpa” Travessa!

– “Ôpinha”!...

– “Ôpa”! “Ôpa”!

– “Ôpa”! “Ôba”!

– Travessa “Ôpa Ôba”!...

O pobre Joman, atônito no meio daquela gritaria e daquelas gargalhadas, ouve a estranha pronúncia de seu sobrenome, sem entender o significa-

do. Não entende também a razão de tanto alarido e galhofa envolvendo sua presença. Com os olhos arregalados, permanece mudo, ouvindo essas coisas por vários minutos, até que a professora aparece e manda que todos se calem. Ela o chama para dentro da sala e carinhosamente lhe explica que houve um erro no seu registro de nascimento.

...

A aula começa e Joman continua atordoado. O pai não o informou sobre a certidão e ele nem sabe o que é isso. De tempos em tempos algum menino sussurra: – “Ôpinha”!... – risos de deboche ecoam pela sala.

A aula termina às quatro e trinta e, puxados por um líder, os meninos gritam em coro na saída: – “Ôpa” Travessa! “Ôpa” Travessa! “Ôpa” Travessa!
Ele sai correndo, deixando os gritos para trás.

Em casa, ofegante, dá o recado da professora à sua mãe. Ela, que sabe apenas assinar o nome, leva o caso a Manoel, que, por sua vez, se dá conta de que houve um pequeno engano no registro, coisa fácil de ser corrigida. No espaço reservado para o nome está escrito: Joman de Oliveira Ôpa!

Como a interjeição “ôpa” não é conhecida dele, pois seu uso é limitado ao Brasil, Manoel não vê problema no assunto – porque opa, substantivo, a paixão dele, não tem assento, disso ele tem certeza.

– É só apagar o circunflexo, ora pois! – diz, olhando para o papel. Quanto à exclamação, comenta: – É mais uma ignorância daquele gajo do cartório. O que mais tem no Brasil é gente ignorante.

Apanha as outras duas certidões e verifica que estão com os mesmos erros.

Joman e das Dores escutam esses comentários sem entender, naturalmente. Mas ficam convencidos de que o problema será resolvido logo. Contudo, Manoel tem de esperar o outro dia.

...

Iniciação Sexual Precoce

...

Certa tarde, no recreio, a servente Valdete pergunta-lhe: – Você me ajuda a varrer e arrumar, depois da aula?

Ele aquiesce naturalmente, já que fazer as coisas para ter as graças de

alguém está se tornando imperioso. Quando os dois terminam de varrer as duas salas e o pátio, que compõem a escola, e de fechar as janelas e portas, a moça lhe faz um convite sedutor no conteúdo e no adocicado da voz: – Vamos lá em casa? Vou te dar uma coisa.

Ela mora numa pequena casa a poucos metros dali, sozinha. Os dois entram e Joman é conduzido diretamente ao quarto onde existe uma cama de solteiro. Apesar de a janela estar fechada, o ambiente fica com meia-luz pela falta de forro na moradia.

– Tira a butina e deita aqui – diz ela com a mesma voz doce, sentada ao pé da cama. Ele obedece, apesar de um tanto assustado.

– Vou tirar sua calça... – volta, olhando-o, para ver sua reação.

...

Encurralado Pelos Outros

Paralelamente, Joman continua a ser o estuário de deboches dos colegas, uma espécie de caixa de pancadas. Sem motivo algum, mexem com ele na saída das aulas. Numa tarde crescem outras ofensas.

– Travessa “Ôpa”, muiezin-in-in-nha! – grita um dos meninos, ladeado por outros. Estes ecoam: – Muiezin-in-in-nha! muiezin-in-in-nha!

– Eu num sô muié não – retruca, falando baixo.

– É muiezinha sim! – volta o primeiro menino. – Muiezinha, fia do padre.

– Eu num sô filho de padre não! – retruca de novo, falando alto, mostrando leve irritação.

– Quer briga, quer briga? – retorna o menino que, a seguir, pega um graveto e, num movimento rápido, risca uma linha reta no chão. Ato contínuo, coloca-se do lado de lá da linha, fecha as mãos, ergue os punhos em posição de luta e desafia: – Se ocê é home, travessa essa linha, Travessa!

Joman lembra-se das advertências da mãe e, tomado pelo medo, abaixa a cabeça, vira as costas para ir embora. Após os primeiros passos, escuta um coro dos meninos: – Correu de medo, cagou no dedo! Correu de medo, cagou no dedo! Correu de medo, ...

Ele se vira, sem interromper a caminhada. Os meninos estão andando em sua direção. Assustado, começa a correr e deixa para trás o coro.

...

Por outro lado, a padaria foi apenas o início do comércio. O espaço daquele cômodo grande foi logo ocupado por cereais, latas de banha de porco, caixas de bacalhau, latas de azeite, potes de azeitona, doces, balas, e outros alimentos e guloseimas. Os pães ficaram limitados a uma pequena vitrina. A padaria tornou-se um armazém de secos e molhados. Agora, decorrido pouco mais de um ano, estão se incorporando diversos utensílios domésticos, ferragens, ferramentas para trabalhar a terra e um tanto de miudezas, de sorte que o nome de armazém de secos e molhados está sendo substituído aos poucos por venda, “a venda do Manoel da opa”. ...

Certa tarde, no recreio, um dos meninos mais exaltados, chamado Joel, aproxima-se de Joman e faz um pedido em tom amistoso:

– Pega um espelhinho na venda e traz pra mim – refere-se a espelhos redondos, pequenos, que trazem figuras coloridas no verso, em geral de mulheres, e que os homens costumam carregar num dos dois bolsinhos das calças.

...

O bate-boca termina quando Joel faz um desafio: – Vamo acertar isso de noite. A minha turma contra a sua.

Combinam se encontrar às sete horas da noite no final da Rua da Capivara, que começa também naquele espaço amplo, em sentido contrário à da Barca.

Joman sente uma ponta de alegria porque encontrou alguém para protegê-lo, fato com o qual não contava.

– Ocê vai, num vai? – indaga-lhe Joel, enquanto se afastam.

– Vou – responde, titubeante, sem alternativa, e fazendo aquele movimento com os dois braços.

À noite, morrendo de medo, pensa não ir ao local combinado. “Eu num sei nem brigar...”, pensa. Depois acha que se faltar vai ficar muito ruim, pois a briga será por sua causa. Ressabiado, chega ao lugar, uma parte pouco iluminada. Lá estão quatro meninos da outra turma e ninguém da turma do Joel, nem mesmo este. Zé Malta passa o pé descalço no chão, como se riscasse uma linha reta, assume a posição de luta e desafia: – Se ocê é home,

travessa essa linha, Travessa!

Como Joman permanece parado, os meninos caminham em sua direção. Horrorizado, não consegue falar nem fugir. A urina escorrelhe pelas pernas. – Dexa ele pra mim – grita Zé Malta, muito maior e mais forte, o que não faz diferença, porque, ainda que fosse o mais fraco, não o enfrentaria.

O garoto avança sobre ele e começa a dar-lhe socos – a única alternativa é virar-se meio de lado, para atenuar os golpes. A pancadaria só termina quando Zé Malta o obriga a ficar de frente e lhe desfere um murro no rosto. Joman se abaixa e começa a chorar, enquanto os meninos continuam a dirigir-lhe os habituais improperios. Ele encontra forças e sai correndo. Os garotos o perseguem por vários metros, gritando: – Correu de medo, cagou no dedo! Correu de medo, cagou no dedo! Correu de medo, cagou no dedo!

...

O espelho dado a Joel serviu, pelo menos, de lição. O menino parou de mexer com ele, e Joman descobre que pode diminuir seu infortúnio dando coisas para os outros. E periodicamente surrupia um espelhinho, uma bola de gude, um pirulito, umas balas, e os oferece aos meninos. Até o Zé Malta é agraciado. Com isso param de atormentá-lo. Desse modo controla todo o grupo, pelo menos por uns tempos.

Embora continuem a se dirigir a ele pelo apelido habitual, a hostilidade na escola é quase zero. Mas, na rua, outros meninos fazem com ele as mesmas brincadeiras debochadas que adultos fazem com o pai. Ele sempre se mostra desgostoso, o que atíça a molecada. Certo dia os problemas na escola retornam por intermédio de Zé Malta, que faz uma investida em outra área: – Me empresta um tostão.

– Eu num tenho.

– Tira lá na venda.

Joman sente o frio do medo e repete aquele movimento com os dois braços para frente e para trás, indicativo de que quer negar e não consegue. Um tostão, ou cem réis, dá para comprar duas dúzias de bananas ou um punhado de balas. (A despeito da mudança da moeda, que transformou os réis em cruzeiros e eliminou três zeros, a denominação antiga ainda continua a

ser usada no distrito.) Em casa pensa muito no assunto, mas resiste à sugestão.

Ao se encontrarem de novo, o menino pergunta pelo empréstimo.

– Eu num tenho – repete, gaguejando de medo.

– Por que ocê num tira na venda?

– A mamãe me bate.

O menino mostra as garras, falando baixinho, meio cantado: – Correu de medo, cagou no dedo! Correu de medo, cagou no dedo!

Joman entende o recado: ou arruma o dinheiro ou volta tudo ao que era antes. Isso gera-lhe um drama. ...

...

Coagido, Joman se torna refém das ameaças. Toma todo o cuidado para que as cenas de hostilidades não se repitam – um agrado para este ou aquele garoto, um dinheirinho extra para Joel e Zé Malta, mudança no tom da voz, de modo a parecer sempre amistoso.

...

Tornar-se bonzinho, amável, em atos e palavras, mostrar-se diferente do que é, do que pensa e do que sente, violentar sua consciência são, em conjunto, o preço que tem de pagar pela liberdade e pelo sossego. Mas a liberdade e o sossego comprados geram uma revolta silenciosa, contida, que cresce com o tempo. E a revolta contida acaba por gerar angústia no pequeno Joman.

Uma vez que o convívio lhe custa tão caro, busca abrigo na solidão, de forma natural, não deliberada. A solidão não é ruim ou má em si mesma, pode até ser construtiva, despertar forças criadoras; mas, nestas circunstâncias, em que contraria a natureza do menino curioso e ativo, é aniquilante.

Os dramas silenciosos são os mais terríveis, pois, além de corroerem o eu, parecem atrair mais desgraças. E no caso de Joman, além de todo esse drama pessoal, nessa mesma época surge um outro, da família. Toma conhecimento dele numa conversa com um jovem que está fazendo compras no distrito.

– Sabe que ocê tem um irmão mulato?

– Eu?... Irmão mulato?...

– Intonces ocê num sabe mesmo?! Pergunta pro seu pai... Ele tem inté mais duas muié.

Chocado, Joman corre para casa. Procura a mãe e começa a narrar-lhe a conversa.

– Cala a boca! – ordena ela rispidamente, interrompendo-o, e afastando-se em seguida.

...

Entre os dez e onze anos o garoto presencia a primeira altercação séria entre os pais. Acaba de concluir o quarto ano primário, e Manoel levanta a questão da continuidade dos estudos.

– Joman – começa ele, dirigindo-se ao filho –, precisas ir para um colégio, e estou a pensar para qual cidade vamos te mandar. Talvez... – É interrompido com alarme por das Dores.

– Sair daqui, ir pra outro lugar, sozinho?!

– Ora pois! para continuar os estudos só é possível em alguma cidade... – responde ele pacientemente.

– Mandar uma criança desta sozinha pra uma cidade grande? Onde que ocê tá com a cabeça, Manoel? – diz ela, um pouco exaltada.

– Tu continuas a ver nossos filhos como se fossem criancinhas indefesas. Olha como ele está crescido. Não vês?

– Ele é muito criança pra sair pelo mundo.

– Estás a exagerar, das Dores – argumenta com o mesmo tom ponderado de voz.

Com expressão dramática, ela retorna: – Se aqui perto de mim já é pigrioso, imagina longe! Ocê quer me matar, matar ele?

– Podemos nos mudar para uma cidade onde haja colégio – sugere Manoel.

– Ir pra uma cidade, um lugar grande? Cumo é que eu vou olhar eles num lugar grande, Manoel? – responde, ainda em tom dramático.

– Tu tens de pensar no futuro deles, ora pois! Que futuro haverão de ter sem estudos? – argumenta com certa rispidez. É a primeira vez que Joman vê o pai exprimir uma ponta de irritação.

– Num carece, Manoel. Ocê num estudou, e a nossa vida é boa. A Bel-

ma casa e os menino vira comerciante, que nem ocê, e pronto! – sentencia ela, mostrando a força habitual quando julga que os filhos correm perigo.

– Espero que não te arrependas, mulher. – Em seguida vira-se para o filho: – O que pensas, Joman?

– Num sei... – Com tantos problemas, ele não tem como avaliar o que é bom ou ruim para si.

– Belma, vai passar a opa do seu pai! – grita das Dores para a filha que está em outro cômodo, e afasta-se, dando a discussão por encerrada.

– Tá bem, mamãe – responde a menina.

Manoel volta ao assunto outras vezes, mas encontra sempre a intransigência da mulher. O tempo cuida de consolidar a vontade de das Dores.

E Joman fica sem objetivo. Passa a maior parte dos dias em casa, à-toa, curtindo tristezas ou fazendo pequenos serviços. Começa a desenterrar coisas passadas, como o episódio em que o sujeito obrigou Peri a beber urina e queria que ele fizesse o mesmo, além de tentar o abuso sexual, os achincalhes que sofreu na escola, as maldades que fizeram com ele. Sente revolta; tem vontade de vingarse, mas não vê como.

...

Paixão de Pré-Adolescente

Ele tem liberdade para sair, mas a usa muito pouco porque de vez em quando ouve alguém – criança, adolescente ou adulto – lhe perguntando com deboche se ele atravessa mata-burro, ou se seu sobrenome é Opa ou “Ôpa”. Passa a maior parte do tempo em casa e começa a desenvolver um ressentimento para com o pai. Fala no assunto com o amigo.

– Sabe, Noel, essa gente fica, assim, me chamando pelo apelido, me gozando, gozando o papai também e ele num reage. Eu queria que ele xingasse eles.

– Se ele xingasse podia até dar briga, mas que eles ia parar depois, eles ia.

– Mas ele leva tudo na brincadeira... – o tom é queixoso.

– Estou com muita raiva dele.

– Eles podia até parar de mexer com ele, mas num ia parar com ocê

não... Já encarnaram, num tem jeito.

– Por que ele foi nascer em Portugal? – indaga como se pensasse alto.

– Eu queria que ele morresse! – completa em tom agressivo.

– Ih Joman, ocê num sabe como que é ruim num ter pai...

– De que seu pai morreu?

–Morreu matado. Eu era pequeno. Inté hoje eu tenho sodade dele.

– Mas pra que serve um pai medroso, quero dizer, assim, um pai que num briga?

– Eu num acho que seu pai é medroso não. Todo mundo acha que ele é um home bão. Ocê deve dar graças a Deus...

Joman passa uns dias com remorso por ter desejado a morte do pai, mas continua desgostoso com ele.

Aprisionado em casa, só sai ocasionalmente. Uma vez ou outra vai à estação nos horários dos trens de passageiros – uma das poucas distrações do povo local – ou fica observando os serviços dos trilhos que estão sendo feitos ao sul do distrito, para desviar a ferrovia da área urbana, ou acompanha a abertura de novas ruas. ...

Certa tarde, numa das raras saídas, Joman se encanta com uma menina. Ele a conhece de vista, mas, decorridos alguns meses sem vê-la, tem a impressão de estar diante de outra pessoa. Agora seu corpo começa a assumir os contornos de moça. Repara o rosto, os cabelos, as pernas, o corpo todo, a voz. “Como é bonita!”, exclama em pensamento. Segue-a com discrição e a vê entrar em casa, numa rua distante, na periferia do distrito, pelas bandas do noroeste. Passa o resto do dia relembrando sua imagem.

Depois fica sabendo que ela se chama Vera, que é filha de um carpinteiro e que tem treze anos, um a mais do que ele.

Vera passa a ocupar sua mente e a povoar-lhe os sonhos todos os dias. Quer namorá-la, mas não sabe como conseguir. Consome horas pensando numa solução.

“Eu estava querendo namorar com você...”, imagina, dirigindo-se a ela. “Não, num está bom assim não; ela pode falar que eu sou feio. Vou só dizer: ‘Quem sabe damos uma passeada junto, Vera?’ Desse jeito é melhor

porque se ela me acha feio, num vai falar.” Em seguida argumenta: “Mas eu queria é namorar ela!”

E assim ele fica, falando consigo mesmo, à procura de um modo de abordá-la. Não se sabe como surgiu essa história de que ele é feio.

...

Outro dia ocorre-lhe uma abordagem diferente. Vai fazer um galanteio, antes de pedir-lhe para namorar. “Eu acho você muito linda, acho que é a menina mais linda daqui e eu queria te namorar.” Esta fórmula lhe parece perfeita. E ele fica repetindo a frase dia após dia. “E se mesmo assim ela falar que eu sou feio e rir de mim?”, indaga-se aborrecido, certa feita. “Ah... já sei – continua falando consigo, agora com uma ponta de raiva –, se ela falar isso eu vou recitar uns versos do *Almanaque* que ela nunca mais vai esquecer:

*“Rosa que estás na roseira
Sorrindo da minha desgraça,
Lembra-te que neste mundo
Tudo muda, tudo passa.”*

Treina esta abordagem mais alguns dias. Quando se julga devidamente preparado para o sim e o não, sai resolute em direção à casa da garota. Ao se aproximar, seu coração acelera, a respiração fica curta e a boca seca. Pensa em voltar, e em seguida resolve insistir. ...

...

Isso dura mais de um ano e começa a se esvaír quando ele a vê com um jovem que aparenta ter dezessete anos. Mentalmente Joman sabe como resolver a disputa.

...

Medo de Si Mesmo

O distrito de Tumiritinga vive uma onda de progresso, devido à sua localização. O lugar se consolida como pólo de escoamento de madeira em tora ou serrada, e cereais de várias regiões vizinhas, principalmente do norte, onde a produção agrícola é excepcional. É também um lugar de chegada de mercadorias da capital do Estado, e do exterior, que entram pelo porto de Vitória, no Espírito Santo. A Estrada de Ferro Vitória a Minas, que no começo

da década de quarenta passou da mão de ingleses para o governo brasileiro, integrando-se à Companhia Vale do Rio Doce, é o caminho que torna possível esse comércio.

Embora a mata atlântica da região esteja no seu final, Manoel decide montar uma serraria. Para tal constrói um imenso galpão de madeira, aberto dos lados, e nele assenta dois engenhos e dois conjuntos de serras circulares, movidos por motor próprio. Nela produz pranchões, tábuas, caibros e ripas. Ele passa a ganhar um bom dinheiro nesta atividade, ao lado do café que, após o término da Segunda Guerra Mundial, sofreu grandes aumentos nos preços internacionais.

...

O episódio não modifica seus hábitos. Integrado ao trabalho, ajuda na venda e a fazer pães. Prefere o trabalho lá do fundo, de fazer pães, a despeito de começar de madrugada, e que de há muito é de responsabilidade exclusiva de Zezito. O serviço na venda é penoso, pois ele tem de conversar com os fregueses, argumentar; por isso arranja sempre um pretexto para sair durante o dia. Às vezes vai para o quintal e passa horas seguidas sentado debaixo de um pé de manga fantasiando, ou curtindo ressentimentos e raivas, ou relendo o Almanaque.

...

Certa noite ele se encontra com o amigo Noel e recebe a notícia desagradável de que ele e a mãe vão se mudar.

– Mudar?... Você está falando de verdade? – no íntimo Joman torce para ser uma brincadeira.

– É. A mãe resolveu voltar pra roça, pra casa do meu vô.

– Que dia?

– Amanhã cedo.

– Mas eu vou ficar, assim, sem amigo? – indaga com certo desespero.

Naquela noite, na hora de dormir, sente um enorme pesar. De manhã bem cedo vai à casa do amigo e vê a mudança já quase toda num pequeno caminhão. Quando Noel e sua mãe se despedem e o caminhão parte, sente um vazio e tem vontade de chorar. Fica em pé olhando o veículo seguir numa estrada ribeirinha, rio acima, até desaparecer.

Uma profunda melancolia o invade. Vai para a margem do rio, senta-se num barranco, e o espelho de água inspira-lhe uma tétrica fantasia. Olha aquela vastidão de água e tem ímpeto de caminhar rio adentro, até não ter pé. Seguem-se o silêncio e a paz, que duram pouco tempo na sua imaginação, ... Volta para casa tão abatido como saiu e ainda confuso com a vontade que teve de pôr fim à sua vida. "Como fui pensar essa coisa? Morrer é ruim demais!", diz para si mesmo. "Mas pra que serve a vida? Era melhor eu ter nascido uma minhoca, que não pensa, não sente essas coisa... Viver também é muito ruim."

...

À noite fica muito abalado com os episódios do dia. Lembrase, com perplexidade, da fantasia que teve no barranco do rio pela manhã e da intensidade do ódio súbito que sentiu à tarde. "Gente, gente, eu estou em tempo de ficar doido!", exclama, alarmado, em pensamento. Ele tem a impressão de que, se sair toda a revolta que carrega, pode ficar fora de si, pode ficar alucinado, e pela primeira vez tem medo de si mesmo. Nos dias que se seguem esse medo aumenta. "É pior do que ter medo dos outros...", constata com certo horror.

Esperança que Vem Pelo Rádio

Na onda do progresso, Manoel compra um rádio, um aparelho enorme, que ao chegar causa muitas mudanças. A primeira é na disposição dos móveis da sala. A imagem da Virgem Maria, que fica num pedestal encostado ao centro de uma das paredes, é deslocada lateralmente. Uma mesa especial, de pés compridos, mandada fazer sob medida para o rádio, é colocada junto à mesma parede, de modo que a imagem sacra e o aparelho ficam lado a lado, mais ou menos no mesmo nível. As cadeiras são agrupadas junto à parede oposta. A pequena mesa de centro, que sempre tem flores frescas, é desviada para um canto, para facilitar o acesso ao rádio.

...

O rádio muda também a perspectiva do adolescente: o mundo lá fora, que chega por intermédio daquelas vozes e músicas, parece um mundo e-

norme, onde todos vivem felizes, um mundo oposto ao seu. Começa a acalentar o sonho de mudar-se, de viver naquele mundo, embora a princípio pareça um sonho absurdo, impossível de se realizar. Mas é estimulante pensar que lá ninguém vai chamá-lo pelo apelido detestável, ninguém vai indagar se ele atravessa mata-burro, ninguém conhece seu pai e ele não será ridicularizado por ser filho de Manoel da opa. Nessa época passa a escrever seu último sobrenome apenas com um O e um ponto – mesmo conhecendo em detalhes a promessa que seu pai fizera –, com o propósito de que, ao mudar-se, a omissão diminua o risco de rirem dele.

Sua adolescência continua solitária e infeliz. O medo de enlouquecer instala-se definitivamente nele e é maior do que todos os outros. “Só tenho salvação se sair daqui”, passa a dizer para si mesmo.

Começa a falar de seu desejo de ir para uma cidade maior, onde voltaria a estudar. Várias vezes ensaia mentalmente uma conversa para valer com os pais sobre o assunto, mas somente aos dezessete anos, num momento em que apenas os três estão juntos, isso se concretiza.

– Se tu queres estudar, tudo bem – começa Manoel a responder. – Mas se estás a pensar em negócio, um negócio próprio, é mais fácil começar aqui.

– Acontece que eu, assim, quero dizer – dá uma balançada nos dois braços para a frente e para trás –, acho que não gosto muito daqui, quero dizer, do lugar, da cidade, só da cidade. – O medo de ficar louco deixou-o ainda mais cauteloso para falar.

– Mas nós gostamos de ti – responde o pai, com voz embargada.

...

Na Zona do Meretrício

Nesse período de sai, não sai, ele decide ir à “Lagoinha”, a zona do meretrício, para ter sua primeira relação sexual. Chega à noite ao conjunto de casas, situadas dos dois lados da linha da estrada de ferro, na extremidade oeste, na saída para Governador Valadares. O local é mal iluminado e o movimento de tanta gente estranha o amedronta. Anda devagar numa das ruas, próximo das casas, em cujas portas ficam as mulheres.

– Ei, bonitão, vem cá! – convida uma delas. Ele dá uma parada, mas

sente um medo terrível. Volta a caminhar.

– Você tem cigarro? – pergunta outra. – Chega aqui, gostoso!

...

Vai para casa com a bela imagem na cabeça e, ao mesmo tempo, chateado. 'Nem com uma puta consigo?...', diz aos seus botões.

[Comprar o livro](#)

Capítulo 6 – O Outro Mundo

A despeito dos temores, Joman escapa e vai viver em outra cidade onde ninguém o conhece. Influência de sua timidez nas escolhas, como por exemplo, do trabalho. As primeiras vitórias. A primeira namorada aos vinte e cinco anos. O casamento. os sofrimentos e prejuízos causados pela timidez.

(Informação: Três ponto (...) entre parágrafos indicam que outros parágrafos foram retirados; no começo ou final de parágrafo indicam que textos foram retirados daquele parágrafo)

Primeiros Progressos

Depois de vários meses, quando completa 18 anos, em 1953, finalmente o jovem decide-se.

– Acho que vou para Belo Horizonte – comunica aos pais.

– Fica na casa do Cândido– apressa-se das Dores, referindo-se ao seu irmão. O pai corta a proposta imediatamente.

– Não! – a negativa é, além de pronta, seca e enérgica, coisa rara nele. E continua: – Enquanto não puderes ter a tua casa, more num hotel, numa pensão, qualquer coisa assim. Eu lhe mando dinheiro.

Joman não entende por que não pode morar com o tio, embora se lembre vagamente de ter escutado, quando muito criança, de que houve um problema entre ele e o pai. Mas isso tornou-se um desses assuntos proibidos de comentar, e acha que não é hora de desenterrá-lo.

...

... Faz uma visita ao tio Cândido, que se acha meio adoentado, e fica conhecendo a família. Logo, logo, está à procura de emprego.

Surge a oportunidade de trabalhar, em caráter experimental, como ajudante de um lapidário de diamantes, que tem as máquinas num cômodo de

sua própria casa. A despeito de ser uma atividade desconhecida para ele, a oferta o atrai por ser um lugar onde só há duas pessoas, o dono, chamado Timóteo, e um empregado, de nome Aristides. O dono aparenta uns quarenta anos e o empregado menos de trinta; ambos são discretos e de pouca conversa. Isto tem um peso na decisão devido à sua dificuldade de comunicar-se. Pesa também o fato de o trabalho ser próximo do pensionato.

A timidez de Joman, confundida com humildade, é um ponto positivo neste começo. Tanto Timóteo como Aristides logo simpatizam com ele e têm paciência ao ensinar-lhe o ofício. Ajudam-no também a livrar-se do serviço militar. Esse acolhimento o estimula, e ele se dedica cada vez mais ao aprendizado. Quando domina todo o trabalho com o diamante, recebe um aumento substancial de salário. Tem agora condição de manter-se por conta própria e escreve ao pai avisando-lhe que ele não precisa mais enviar o dinheiro de reforço.

...

Decorridos quatro anos, Timóteo, o seu patrão, decide mudar-se de uma hora para outra para o Rio de Janeiro. Joman, que já comprou o barracão onde mora, que já concluiu o Madureza do ginásio e está prestes a terminar o do clássico, que sonha tornar-se advogado para combater as injustiças, tem de reformular os seus planos. "Agora eu tenho é de arrumar outro emprego; primeiro a sobrevivência", diz para si mesmo. Sua experiência como desempregado é amarga – fica indeciso, não sabe se procura trabalho em outra atividade ou insiste na de lapidário, sente medo do futuro, e passa por problemas digestivos. "Acho que estou sofrendo do fígado", imagina, o que o deixa mais paralisado ainda.

Aristides procura-o pouco mais de duas semanas depois que ficaram desempregados, com uma proposta: montarem juntos uma lapidação.

– Montar uma oficina de lapidação?! – Ele nunca pensaria em um negócio próprio, daí o espanto.

– É. O equipamento não é caro e a gente paga em parcelas. – Joman fica pensativo. Aristides persevera: – Tô te falando, num é caro.

- Mas e se num tiver, assim, o serviço?

– É claro que tem o serviço.

Ele volta a ficar pensativo. Depois de alguns segundos pondera: – Tem o aluguel, as outras despesas... o pó de diamante que é caro... – refere-se a um pó usado com óleo de mamona para cortar e polir o próprio diamante. – Pode faltar dinheiro pra essas coisas... Você já pensou? A não ser... talvez fosse possível aqui no meu barraco... quero dizer, aí não tem a despesa do aluguel.

...

Eles começam a visitar os fregueses em potencial, já seus conhecidos. Um deles, Jessé Primo, apenas dez anos mais velho do que Joman, estabelecido na Rua Platina, na zona oeste, que compra todo o tipo de pedras preciosas em bruto e as vende como tal, ou as lapida, também para venda e montagem de jóias, resolve prestigiá-los.

– O mesmo serviço que eu dava pro Timóteo vou mandar pra vocês.

Isso anima Joman. O comerciante sabe que eles são bons oficiais e merecedores de confiança. Vão ter um serviço regular, garantido por Jessé, que cobrirá as despesas. O que “pingar” dos outros será lucro.

Alugam uma sala num prédio muito antigo, bem no centro, como quer Aristides, e montam a oficina, com uma máquina de serrar, comum aos dois, e equipamentos separados para formar e polir as pedras. Vão trabalhar de forma autônoma e acertam que as despesas serão divididas meio a meio. Poderão receber encomendas separadas ou em conjunto.

...

Entende-se com Aristides e passa a ser o contato da dupla com Jessé, enquanto o sócio, por ser desinibido, fica encarregado dos outros clientes.

Quando vai lá para apanhar diamantes ou levar os brilhantes, geralmente tem de esperar um pouco porque Jessé ora está atendendo alguém, ora supervisionando seus próprios lapidários e joalheiros. Nesse tempo Joman o observa atentamente e sente um grande desejo de enriquecer, como está acontecendo com ele. Ficar rico significa a concretização de uma vida melhor, não só do ponto de vista material mas, principalmente, de ser reconhecido e respeitado, e, ainda, de realizar um sonho antigo: arrumar uma namorada.

Comprador de Diamantes

Numa dessas idas ocorre algo inesperado. Jessé está atendendo um garimpeiro que tenta vender-lhe um pequeno lote de diamantes miúdos, pesando no máximo meio quilate cada.

– Seu preço está alto e eu estou com muito diamante no estoque – diz Jessé.

– Quanto que o senhor paga? – pergunta o garimpeiro, num claro esforço para fazer a venda.

Jessé faz uma proposta, que é recusada.

– Por que você não compra? – sugere o comerciante a Joman. – Compre, lapida, traz os brilhantes aqui que eu te compro.

Ele fica assustado com a sugestão. Não sabe o que dizer, balança os dois braços. Quer ficar rico, mas nunca lhe passou pela cabeça comprar diamantes.

– Os diamantes são todos bons – argumenta o garimpeiro, agora voltado para Joman. – Pode examinar.

Ainda calado, ele os examina. E nesse momento brota-lhe uma ponta de ambição.

– Faz uma proposta – diz-lhe Jessé, para estimulá-lo.

Joman faz a proposta, um pouco mais elevada. O garimpeiro se queixa, tenta regatear, mas o silêncio de Joman, causado por sua timidez, dá-lhe a impressão de firmeza. Eles fecham o negócio.

– Dá seu endereço pra ele – aconselha Jessé. – Uma próxima vez ele pode te procurar diretamente.

... Jessé aproveita a oportunidade para lhe dar um conselho.

– Se você não tivesse comprado, eu ia comprar uma pedrinha pra ele não sair de mãos vazias. Nesse ramo você tem de adoçar a boca da pessoa, nem que seja com uma balinha. Se ele te procura e você põe um dinheirinho no bolso dele, mesmo que seja pouco, só pra adoçar, ele vai te procurar outras vezes, e numa dessas pode aparecer com um grande negócio.

Ao chegar à oficina, conta a Aristides o que fez.

– Mexer com garimpeiro é muito perigoso – adverte o amigo. – Tem muito rolo nisso...

– Eu não te consultei pra fazer o negócio, tinha de resolver, assim, lá na hora, sabe como é. Aí fiz, pensando em correr o risco sozinho, se você não quisesse. Mas se você quiser entrar como sócio, tudo bem. Se não quiser, não tem problema.

– Joman, eu prefiro trabalhar com mais segurança, ficar só na lapidação.

...

Por intermédio desse garimpeiro, de vez em quando surgem outros oferecendo-lhe pequenos diamantes. Ele sempre compra um pouco, seguindo o conselho do amigo comerciante, e também para não correr risco de perder. Fica de tal modo conhecido que muitos deles, geralmente pessoas simples, de pouco poder aquisitivo, sabem que quando o procuram não perdem viagem – vendem nem que sejam algumas fazendas finas (diamantes de no máximo $\frac{1}{4}$ de quilate), o que pode ajudar nas despesas que têm na capital. E assim, lentamente, Joman vai abrindo uma nova frente de negócio. Aristides, vendo que há uma boa margem de segurança na atividade e estimulado por Joman, passa a fazer o mesmo.

...

Cleide

Certa tarde, quando está de volta do trabalho, nota uma jovem sentada na varanda de uma casa ao lado do seu barracão. Ele havia observado que uma família mudara-se para lá naqueles dias.

– Boa tarde – diz ele, de passagem, conservando o hábito do interior de cumprimentar os vizinhos.

– Boa tarde – responde ela.

Isso acontece outras vezes, de forma natural. Ele nem nota que ela está sempre manuseando pequenos objetos. Certa feita, a jovem responde ao cumprimento e faz uma pergunta que o surpreende.

– Você nunca dá uma paradinha não? – Joman leva um susto, pára, vira-se, fica sem fala, balança os braços. Ela, com um leve sorriso, retoma: – Vamos conversar um pouco. Você chama Joman, não é? – Ele sacode a cabeça. – Nome bonito... diferente... – Ele fica desconcertado: mexe-se, põe as mãos nos bolsos, tira-as, torna a colocá-las. A moça continua: – Fiquei sa-

bendo que você lapida diamantes, é mesmo?

– É...

– Deve ser interessante... Precisa de muita habilidade, não é?

– É...

– Você trabalha em alguma firma?

Não... é, assim, por conta própria – responde gaguejando.

– É mesmo? – volta ela, com admiração. – Eu trabalho num hospital, sou atendente. Meu nome é Cleide.

– Muito prazer.

– Quer entrar?

– Não, obrigado. Estou, assim, com pressa – responde, mentindo, balançando os braços e gaguejando. E se despede.

Em casa ele sente algo que não define. “Falar que ela é simpática é pouco... ela queria continuar!... me convidou pra entrar!...”, pensa, com incredulidade. “Ela tem qualquer coisa da Vera...”, a sua paixão na pré-adolescência. Recorda-se de algumas moças pelas quais sentiu algum interesse, nos seis anos em que mora em Belo Horizonte, mas a timidez barrou qualquer aproximação. “Eu devia ter entrado, conversado...” Lamenta-se por ter tido a habitual conduta esquiva.

Duas tardes depois, Cleide está no mesmo lugar.

– Ôi Joman, como foi o trabalho hoje? – diz ela, com voz calorosa, interrompendo o manuseio dos pequenos objetos.

– Bem, bem, tudo bem – responde, parando e quase não gaguejando.

– Sabe o que eu estou fazendo? – Ele balança a cabeça. – Uns brinquinhos, gosto de fazer bijuterias. Entra aqui pra você ver.

Titubeante, ele abre o portão e chega à varanda, que está a cerca de dois metros.

– Senta aqui – convida ela com naturalidade, mostrando uma cadeira ao lado da sua. Joman senta-se. – O que você acha dos brinquinhos? – continua ela, mostrando dois que estão na sua mão, enquanto coloca sobre o colo duas ferramentas parecidas com pequenos alicates e pedaços de arame muito fino.

– Bonitos... – diz ele, procurando ser atencioso, sem tê-los visto direito.

– Segura– entrega-lhe os objetos. Enquanto Joman os examina, ela continua: – Estão quase prontos. Você deve entender disso, mexe com diamantes... – Não, não entendo... – responde, sentindo-se mais à vontade. – São coisas, assim, diferentes... Não estou reconhecendo estas pedras.

...

Em casa o rapaz sente-se satisfeito. Conseguiu ficar mais à vontade. Só tem uma queixa: “Eu devia ter segurado o braço dela...”

...

Os dois passam a se encontrar com regularidade, e seu primeiro namoro se consolida. “Não sei o que ela viu em mim...”, pensa freqüentemente. Seis meses depois de se conhecerem ficam noivos. Joman usa sua poupança para reformar o barracão e dar-lhe aparência de casa. Cleide torna-se importante nesse trabalho: dá sugestões, quase sempre acatadas por ele, providencia materiais e acompanha os serviços nas suas folgas. A casa fica até ajeitadinha, considerando-se que é produto de uma adaptação. Os dois se casam em 1960, pouco mais de um ano após o primeiro contato, quando Joman está com vinte e cinco anos de idade.

Nesse mesmo ano acontece outra mudança em sua vida. Cleide, estimulada por ele, deixa o emprego e dedica-se a fazer bijuterias com o propósito de vender.

– Eu acho que você leva jeito para a coisa e tem a vantagem de ficar em casa – diz ele. Em seguida declara um sonho: – Quem sabe, um dia nós montamos uma firma, uma indústria de bijuterias?

– Será que damos conta, querido?

Os dois combinam de, com o tempo, procurar meios de efetivar o projeto.

...

Garimpeiro de Diamantes

Se de um lado os negócios estão indo bem e a vida com Cleide está ótima, de outro ele começa a enfrentar um problema novo. Algumas pessoas começam a pedir-lhe dinheiro emprestado, ele tem dificuldade de recusar, e ainda não lhe pagam. São quantias pequenas, que os tomadores fingem ter

esquecido. Incapaz de cobrar, fica ressentido, mas não lhes nega o pedido seguinte.

Certo dia, um primo de Cleide chega à oficina e começa, fingindo estimá-lo: – Joman, amigão, estou comprando um carro e está faltando uma parte. Dá pra você me emprestar?

Ele titubeia, balança os braços para a frente e para trás, ao mesmo tempo. A abordagem amistosa, embora sabidamente falsa, agrada-lhe, mas não o impede de pensar: “Nem me pagou o que deve e está querendo mais...”

– É um negócio muito bom – volta o homem –, tão bom que não dá pra esperar sair um dinheiro que tenho pra receber. Assim que eu receber, eu te pago.

Joman continua titubeante, balançando os braços. “E eu que ando de ônibus...”, continua a pensar. Finalmente fala, mas o que sai é muito diferente do que deseja: – Tá bem, vou ver, assim, quero dizer, vou ver se posso... Quanto é?

...

– Joman, esse cara tá te explorando – adverte o amigo.

– Acho que ele vai pagar, e, além do mais, você sabe, parente...

Joman alimenta falsas esperanças, para justificar sua dificuldade em dizer não a um pedido. Na sua imaginação, uma negativa equivale a um confronto que, se acontecer, terá conseqüências imprevisíveis – na hipótese menos ruim, perderá a amizade que julga que a pessoa tem por ele; na pior, ficará descontrolado e, talvez, louco. Alimentar essas esperanças também atenua seu desgaste, que não é tanto pelo dinheiro que não vai receber, mas pelo arrependimento de ter cedido. Arrependimento que vem carregado de ressentimento para com os que o tratam como bobo. E nessas ocasiões volta a ser atacado por incômodos, que se diversificam com o tempo – dores erráticas, principalmente na coluna, dificuldades digestivas, insônia. Julga-se doente e começa a fazer consultas médicas. No começo procura particulares. Depois passa a ir ao Hospital das Clínicas, da Faculdade de Medicina da Universidade de Minas Gerais, que, por ser uma unidade de ensino, mantida pelo governo federal, faz atendimentos gratuitos.

...

Certo dia, em 1964, aparece um garimpeiro, de nome Epaminondas, da região de Dores do Indaiá, enviado por Jessé. Ele tem uma maneira curiosa de começar quase todas as falas.

– Vou te contar pra você, não te digo nada. – A voz tem uma cadência tranqüila, e ocorre uma breve pausa entre a primeira e segunda parte da frase. – Tenho dois diamantinho aqui, que é mercadoria de primeira – e retira da capanga, um pequeno tubo de bambu fino, duas pedras, ambas com quase um quilate. – Olha esse branco!

Joman as examina. São duas pedras de um branco extra, coisa relativamente rara. Compra-as por um preço um pouco mais alto do que o diamante comum.

Epaminondas entra com um outro assunto: – Vou te contar pra você, não te digo nada. A minha frente de serviço vai dar muita pedra, mas tô com um problema. Preciso trocar o motor e a bomba – refere-se a equipamento de mineração. – O motor tá com pouca compressão, baixando muito o óleo, e mesmo se tivesse bom eu tinha de trocar por um maior porque o serviço tá ficando pesado. A bomba também é pequena e tá no bagaço.

Joman não se impressiona com estas coisas porque sabe que todo garimpeiro se julga prestes a ganhar uma fortuna. Mas como é hábito seu, escuta com atenção e procura dar a entender que está interessado no assunto.

– E você já encontrou, assim, outro motor e outra bomba?

– O motor tem na retífica, na base de troca. A bomba tem de ser nova.

– Então está, assim, fácil...

– Vou te contar pra você, não te digo nada. Você pode ganhar muito dinheiro comigo, nas pedra que vai sair.

– Como assim?

– Estou sem dinheiro pra fazer as troca. E ninguém meconhece aqui, não me vendem fiado... – “Já vem mais um pedir dinheiro emprestado”, pensa Joman. E veio mesmo, mas de forma diferente. – Você troca pra mim o motor, compra a bomba e eu te dou uma comissão nas pedra que sair.

Surpreso com a proposta, ele tem a reação que é comum: fica calado, balança os braços. Ocorre-lhe, como curiosidade, saber em quanto importam os gastos.

– Trezentos e vinte dólares – informa o garimpeiro.

– Trezentos e vinte?!

É muito dinheiro para Joman.

A referência ao dólar explica-se pelo fato de que o diamante é cotado nessa moeda no mundo inteiro, e tanto garimpeiros mais esclarecidos quanto diamantários usam-no até mesmo para outros negócios. Ademais a inflação é alta, o que dificulta a utilização corrente do cruzeiro.

– Te dou vinte por cento das pedra que sair – o garimpeiro conclui a proposta.

Joman tem ímpeto de dizer não, mas no fundo sente-se tentado a arriscar. É uma coisa nova, ser sócio de um garimpo, embora nem tenha idéia de como seja o serviço. Desta vez pensa, com vontade de dizer sim, coça a cabeça e consulta Aristides que, ali perto, acompanha a conversa.

– O que você acha?

– Meu negócio é lapidação – responde o amigo, desaconselhando-o indiretamente. O garimpeiro continua insistindo, voltado para Joman:

– Nem precisa entrar com o dinheiro todo de uma vez. A retífica divide em três pagamento, a bomba e os bagulho tem de ser de duas vez.

– Bagulhos? O que é isso?

– Mangote, mangueira, as conexão, essas coisas que precisa pra uma bomba maior.

Aristides, achando que o amigo está numa daquelas situações em que acaba concordando contra a vontade, resolve dar uma força. – Se você fizer o negócio tem de ser por 30%.

– Trinta por cento é muito – retruca o garimpeiro.

– Mas trezentos e vinte dólares também é muito – rebate Aristides. – E é um tiro no escuro.

– Num é tão no escuro não – volta o garimpeiro. E, dirigindo-se a Joman, argumenta: – Pelas mercadoria que você comprou dá pra ver que o garimpo promete. Eu te levo lá pra você ver. Dá pra ir de ônibus num dia e voltar no outro.

– Onde é o garimpo? – indaga Joman.

– No rio Indaiá.

Durante um breve silêncio entre eles, Joman sente-se fortemente tentado a encarar o negócio e propõe: – Acho que vou lá com você, e se gostar do serviço faço, assim, quero dizer, pelos 30%.

A proposta, condicionada à sua ida ao garimpo, nada tem a ver com seu conhecimento sobre o assunto, que de resto é zero, mas apenas para certificar-se de sua existência.

– Vamos fazer por 25% – contrapõe o garimpeiro, na atitude típica do brasileiro de rachar a diferença entre as propostas.

– Faz pelos 30% – regateia Aristides. – Pode acontecer dele nunca mais ver a cor do dinheiro...

...

Epaminondas se dá por vencido. No dia seguinte, cedo, os dois estão a caminho, no carro velho de Joman. O serviço é perto do distrito de Cedro do Abaeté. Num rancho rústico, quase paupérrimo, à margem do pequeno rio, estão três homens, parados, à espera do equipamento.

– A draga é aquela ali – diz o garimpeiro apontando para uma barcaça junto à margem, amarrada em uma árvore; lembra a barca que atravessava o rio Doce, com a diferença de que é menor e o equipamento flutua graças a dois tubulões feitos de chapa de aço. – Vamos descer pra você ver.

Eles descem até a margem e depois sobem na draga.

“Não é possível que isso funcione”, pensa Joman ao ver peças espalhadas, ferrugem em vários lugares, o vazio onde vai o motor.

– Olha! Aqui tem diamante grosso, você num acha? – diz o garimpeiro, com o entusiasmo de todo sonhador, mostrando o pequeno rio e as suas margens.

– Deve ter mesmo – responde Joman. Sua resposta é sincera, apesar de nunca ter visto um garimpo de qualquer natureza. E seu julgamento se baseia na presença de muitas outras dragas trabalhando nas proximidades. – Vamos ver se botamos isso pra funcionar – diz, resoluto, e recebe como resposta um sorriso de satisfação de Epaminondas.

Os dois voltam para Belo Horizonte.

[Comprar o livro](#)

Capítulo 7 - Tremor nas Mãos

Antes dos trinta anos surge uma doença. A luta desesperada dele e da esposa em busca da cura. A perda da esperança. Sua volta à terra natal para reviver de modo diferente as experiências passadas e realizar seu último anseio: ser livre!

(Informação: Três pontos (...) entre parágrafos indicam que outros parágrafos foram retirados; no começo ou final de parágrafo indicam que textos foram retirados daquele parágrafo)

Ameaça de uma Doença

Numa tarde de quinta-feira, no começo de fevereiro de 1965, Joman procura fixar rapidamente um diamante de meio quilate para serrá-lo, a primeira etapa da lapidação, quando a pedra se desprende de sua mão e cai.

– Você tá com a mão doce? – pergunta Aristides ao lado, em tom de brincadeira, interrompendo o seu trabalho.

– Até parece...

Joman, um tanto sem graça, logo encontra a pedra e após certificar-se de que ela não sofreu dano, volta ao trabalho. E pensa em quantas vezes isto aconteceu nos quase doze anos de profissão – não mais do que cinco. Portanto, o que acaba de acontecer é um simples acidente. Sua mão sempre foi firme, mas assim mesmo ele redobra os cuidados e prossegue com o serviço.

... Contudo, na segunda-feira pela manhã outro diamante cai, logo no começo do trabalho.

– Que é isso Joman?... – indaga Aristides, com expressão de incredulidade. – Algum problema?

– Esquisito...

Antes de se abaixar para procurar a pedra, ele ergue a mão direita e observa. Tem a impressão de estar com um leve tremor. Depois ergue a esquerda, observa as duas, e a impressão parece confirmar-se. Lívido, arregala

os olhos. O companheiro, que interrompeu o trabalho e o acompanha com o olhar, insiste:

– Algum problema?

– Ai! Ai! Ai! Estou achando, assim, que minhas mãos tremem... ou é impressão? Olha aqui...

...

Opiniões dos Médicos

No ambulatório do Hospital das Clínicas, onde já é conhecido pelos atendentes pela frequência de suas consultas, é encaminhado a um clínico geral. Apreensivo, ele entra no consultório. O médico, depois de folhear o seu prontuário, colher a história do tremor, dos antecedentes pessoais e familiares, efetuar o exame físico e em especial das mãos, comenta, enquanto volta a folhear o prontuário: – Estou vendo aqui, pela anotação de um colega, que você sofre de hipocondria. Esse tremor pode ser mais uma manifestação dela.

– Não sabia, doutor. Que doença é esta?

– É um distúrbio psíquico que leva a pessoa sentir coisas físicas, como aquelas que você vinha tendo. Você está passando por alguma dificuldade no momento? Dificuldade no trabalho, na família, alguma preocupação maior, de qualquer natureza?

– Não, doutor. Estou, assim, vivendo os problemas normais da vida, quero dizer, até aparecer o tremor.

– Você tem certeza de que não existe mesmo ninguém na família que tenha ou já teve problema semelhante?

– Certeza, certeza, não, porque tenho uns parentes em Portugal, e não conheço, assim, nenhum deles.

O médico observa o seu semblante assustado, os músculos do rosto contraídos, pensa um pouco e retorna: – Vou te prescrever um calmante leve, até mesmo pra você dormir melhor, e encaminhá-lo a um especialista de glândulas e outro do sistema nervoso, um neurologista, para avaliações especializadas.

Nesse mesmo dia ele se lembra do seu tio Cândido, que morreu cerca de dez anos antes. Telefona para um primo, filho dele, que trabalha numa

repartição pública, e fica sabendo que no início da doença apareceu um tremor. Essa notícia o deixa alarmado.

Ele viu o tio duas vezes. Na primeira, quando chegou a Belo Horizonte, ele estava adoentado; na segunda, achava-se em fase terminal. Lembra-se claramente da segunda visita, de poucos minutos: o tio estava cego, definhado, inválido, insano e gritava muito. Associa o seu caso ao dele e começa a imaginar que terá o mesmo fim. À beira do desespero, quase não dorme aquela noite, mesmo tomando o calmante.

...

Depois o médico faz o exame físico, testando várias partes do corpo. Por fim informa: – O exame neurológico está praticamente normal. – Antes de Joman completar uma respiração de alívio, ele continua: – Exceto, é claro, o tremor, e parece que tem uma diminuição da força nas mãos.

– O senhor acha que é, quero dizer, acha que é, assim, coisa séria, doutor Claudiano? – gagueja intensamente.

– Está cedo para dar uma resposta. Vou pedir vários exames.

...

Erguendo a cabeça, o médico tira os óculos, passa a palma da mão pelos cabelos, começando pela frente e terminando na nuca, olha-o, abre um sorriso e diz: – Meus parabéns! Você não tem nenhum problema de glândulas.

Ele desvia o olhar do médico, abaixa a cabeça, volta a levantá-la, agora com expressão de desapontamento. – Não tem nem um pouco, assim, quero dizer, de hipoglicemia, doutor?

– Não. A sua glicose é normalíssima – volta o médico, ainda sorridente.

Joman finge ficar alegre com a notícia, para agradar ao médico, coisa habitual nele. Por trás dessa aparência cresce a nuvem negra da doença do tio.

...

Quando ele entra na sala do neurologista, depois de fazer todos os exames pedidos, suas pernas estão bambas e a respiração é curta. O medo quanto aos resultados é enorme. Depois de olhar os papéis, chapas de raios X, gráficos, o Dr. Claudiano faz outras perguntas.

– Alguma mudança nos olhos, na visão?

- Não, acho que não, acho que está a mesma coisa.
- E na força das mãos, dos braços e das pernas, alguma alteração?
- A força? Sim... acho que está, assim, menos... – responde sem convicção.

...

Joman reúne energias e indaga: – Será... será que estou com alguma doença, assim, mais grave, doutor?

– Não tenho condições de afirmar isso, pelo menos por enquanto. O tremor, por si só, não significa grandes coisas. Pode ficar só no tremor, pelo resto da vida. Um tremor idiopático, isto é, de causa desconhecida. Pode até desaparecer com o tempo. Mas quando se junta com outros sinais e sintomas, como diminuição da força, problemas de visão... é isto que me preocupa no seu caso.

Nada é tão aterrador para um paciente quanto ouvir seu médico dizer que está preocupado. Joman desaba por dentro, perde a fala, tem a sensação de que vai desmaiar. Por uns segundos, talvez minutos, a voz do médico é um misto de eco e sons lentos, com lacunas.

– ...a gripe... encefalite... seu tio... esclerose... – ficam registrados em sua mente como palavras soltas.

Ao readquirir o equilíbrio, pergunta gaguejando: – Qual é mesmo a doença, doutor?

– Suspeito de tremor idiopático. Não descarto, embora seja uma possibilidade mais remota, de fase inicial de esclerose múltipla. Só com o tempo posso dar um diagnóstico definitivo.

– Essas doenças são, assim, difíceis de curar?

– Infelizmente, para o tremor idiopático, não temos tratamento algum. Para a esclerose múltipla, não temos tratamento específico, mas alguns medicamentos e certos cuidados podem trazer alguma melhora. Vou fazer uma prescrição e você deve vir aqui periodicamente para eu acompanhar o que acontece e firmar o diagnóstico.

Joman reúne o restinho de energia e faz uma pergunta cuja resposta teme: – Essa outra doença, doutor, esclerose? – o médico balança a cabeça – dura muito tempo?

– Pode durar anos, até vinte, trinta, cinqüenta...
– O senhor tem condições de dizer, assim, se pode durar menos?
– Pode. Mas não vamos ficar aqui pensando no pior. Vamos dar tempo ao tempo.

Para um indivíduo como ele, é difícil pensar no menos ruim.

– Doutor, o senhor acha que, vamos dizer, que pode ser uma doença que passa, quero dizer, de família?

– Você quer dizer, hereditária? – Joman balança a cabeça. – Alguns tremores podem ser hereditários, mas não temos evidência de que a esclerose múltipla seja.

Enquanto aguarda o médico fazer a prescrição, precisa se conter para não entrar em desespero. “O que vai ser de mim? Se for um tremor simples, não posso trabalhar. Se for a outra doença...” – não ousa terminar o pensamento.

... vai direto ao local de trabalho do primo, filho do tio falecido.

– O tio Cândido – começa –, quanto tempo, assim, durou a doença dele, você lembra?

– Menos de dois anos – responde o primo. Joman estremece com a informação.

– E você sabe, assim, qual que era a doença?

– O médico falou numa tal de esclerose múltipla.

Joman sente um calafrio, a cabeça fica subitamente vazia, a boca seca, a respiração torna-se ofegante – um medo aterrador toma conta dele.

...

... Ao chegar à rua já não tem forças para atravessá-la; senta-se no meio-fio e fica olhando um ponto indefinido do asfalto, com o semblante vazio e a respiração difícil. Atordoado, o mundo não existe mais dentro dele e ele não está no mundo de fora. O sol bate-lhe na pele e ele não sente o calor. Pessoas caminham em volta, movidas por uma força que não é a da vida. Carros passam em frente, mas não vão a lugar algum. Sem dentro, sem fora, sem calor, sem vida, sem destino – tudo lento, embaçado. Fica ali mais alguns minutos.

...

Ela procura o Dr. Claudiano, sem o conhecimento de Joman. Solícito, o médico responde a todas as suas perguntas, relata com pormenores a evolução dos dois quadros.

– O senhor está achando que é esclerose múltipla?

– Como eu disse, é a hipótese menos provável. Entretanto, ela é uma doença que na fase inicial pode apresentar sinais e sintomas tão discretos e variáveis que tornam o diagnóstico difícil, e leva muitas vezes o médico a conduzir o tratamento como se fosse outra doença. E pode acontecer o contrário: os indícios sugerem esclerose e o tempo mostra que o problema é outro. Vou observar a resposta do organismo dele à prescrição. – Após rápida pausa, completa: – E substituí o calmante por um sonífero para que ele durma melhor.

– O Joman disse que a doença do tio dele durou menos de dois anos e que ele morreu louco...

– Alguns casos podem mesmo ter uma evolução muito rápida, de meses apenas. Quanto à insanidade, pode ocorrer numa pequena porcentagem de casos, na fase final.

Cleide volta para casa abatida. Reconhece que está diante de um problema sério. O futuro da família ficou incerto de uma hora para a outra. Entretanto, nada comenta com o esposo.

Decisão Radical

Joman passa a maior parte do tempo em casa, andando de um lado para outro. Gradualmente instala-se uma silenciosa revolta contra Deus. “É este o prêmio que o Senhor me dá pela vida direita que sempre levei? Onde está a Sua justiça?”, pensa com freqüência cada vez maior.

Com o passar dos dias o tremor torna-se mais evidente, em particular quando executa movimento com os braços e mãos, até mesmo quando pega uma caneta para escrever, coisa que o constrange, se feita na presença de alguém.

...

Completados os trinta dias após a última consulta com o neurologista, ele retorna, como lhe foi recomendado. Está acompanhado de Cleide.

– Acho que estou piorando – diz ao médico, em tom de lamento.

– O que há de diferente?

Ele relata a dificuldade para tomar café, água ou qualquer líquido quando a vasilha está muito cheia. Dá informes confusos sobre a visão e a força. E completa, descrevendo a conversa que teve com o primo e o diagnóstico do seu tio Cândido.

O médico faz novo exame neurológico e informa: – Do meu ponto de vista não houve piora. Apenas o tremor tornou-se mais constante.

...

A despeito de continuar seguindo a prescrição, a doença não regride. Seu estado de espírito é cada vez mais precário, com a revolta e a tristeza se alternando. “Só um milagre me salva, só um milagre...”, pensa constantemente. Ora anda de um lado para outro dentro de casa e no quintal, ora deita-se encolhido na cama, onde permanece longos períodos.

Tentativas Desesperadas

Por seu lado, Cleide não desiste de buscar solução. Fica sabendo de uma mulher que, apesar de não ser médica, faz tratamento homeopático, e fala sobre o assunto com o marido.

“Quem sabe que o milagre vem com essa mulher?”, indaga a si mesmo, com uma ponta de esperança.

Vão à consulta. A mulher é direta e objetiva.

– Pára com esses remédios – ordena ela no final do relato – e toma umas pílulas que vou receitar.

– E a senhora acha, assim, que cura?

– Cura! – responde com convicção. – Em uma semana você vai estar muito melhor.

Joman se apega a essa esperança, deixa os remédios do neurologista e começa a tomar as minúsculas pílulas. Uma semana depois o seu quadro está inalterado. Decepcionado e aborrecido, suspende as pílulas e fica sem to-

mar remédio algum.

...

Cleide não entrega os pontos. Decide apelar para a fé religiosa.

– Querido, vamos pedir a graça de São Judas Tadeu? – convida ela um dia.

Embora seu pai tivesse todo aquele fervor religioso, ele próprio nunca se envolvera muito com religião. Nos últimos dias, a fé em Deus, que nunca foi lá grandes coisas, praticamente desapareceu.

– Ah, Cleide, bobagem – responde com desalento. – Se até Deus me abandonou, como é que um santo, quero dizer, um simples santo, vai me curar?

– Ôô Joman, não fale isso de Deus... – sua voz não tem o tom de reprovação, mas de súplica. – E São Judas Tadeu é um santo forte para as causas impossíveis, você não sabe?

– Já ouvi falar – volta com desinteresse.

– Então, querido. Vamos lá, vamos tentar.

Ele fica indeciso. “Quem sabe é isto? Como não tenho muita fé, Deus não me ajuda.” Após breve pausa, volta a pensar: “Mas pode ser... pode ser que, tendo tanta coisa pra cuidar, Ele deixa algumas nas mãos dos santos... e os santos são menos exigentes”.

Cleide interrompe seus pensamentos: – Vamos, querido, vamos tentar!

– Então vamos – responde com a voz um pouco mais animada.

Na igreja, erguida em nome do santo ...

...

Em menos de uma semana, não vendo melhora, ele sai à rua para encontrar-se com um freguês que não aparece há muito tempo e que, certa feita, contou umas histórias de um homem que curava muita gente. No dia não deu importância ao caso, pois sempre desconfiou dos curandeiros. Entretanto, sua situação agora não é de se permitir pruridos éticos ou escrúpulos religiosos. Acha-se como um barco que está afundando: atraca em qualquer porto. Quer encontrar a cura, não importa de onde venha.

– Ele faz verdadeiros milagres – confirma o freguês, quando se encontram. – Já curou muita gente desenganada, e não cobra nada, nada!

Em casa ele conversa sobre o assunto com a esposa.

– Estou disposta a te seguir pra qualquer lugar, você sabe disso. Vamos tentar! Vamos tentar! – completa ela, com ânimo elevado.

...

Quatro dias depois, ele acorda com uma estranha sensação nos braços. Sai correndo à procura da mulher, que já se levantou.

– Cleide, Cleide, acho que estou indo! – diz, alarmado.

Ela responde aflita. – O que é, querido?

– Não é dor e nem dormência, é uma coisa esquisita que corre dentro dos braços, parece que é nos nervos. – Desesperado, implora: – São Judas, me salva!

A estranha sensação parece seguir o ritmo do tremor. Convencido de que a doença está se acelerando, lamenta: – Vai ver que piorei por causa daquele remédio do curandeiro. Que que eu tinha de ir lá?...

Tomado pela raiva, atira a garrafa com o restante do líquido no quintal, quebrando-a. Vai para a cama, deita-se encolhido como um feto. Não há mais nada que possa fazer.

...

"Não aceito, não aceito de jeito nenhum essa doença azarada!", "Esse tal de Deus não existe, é uma invenção.", " Qual é o meu crime? Qual?", "Eu só levei ferro na vida, e continuo, para aprender.", "De que adiantou ser bom? Só aproveitaram de mim." – são as coisas que mais repete.

Reviravolta na Vida

No terceiro mês de doença, numa manhã, ele está sentado na sala, num dos períodos de ruminação. Subitamente uma lembrança do passado desencadeia uma seqüência rápida, num turbilhão de imagens e sons.

– *Ô Travessa!*

– *Ô Travessa "Ôpa Ôba"!*

– *Travessa "Ôpinha"!...*

– *A certidão de nascimento está errada.*

– *Não conta pra ninguém, hein?! Se contar eu te bato.*

- *Se ocê é home, travessa essa linha, Travessa!*
- *Correu de medo, cagou no dedo!*
- *Seu pai num travessa mata-burro, e ocê?*
- *Joman, vai buscar a opa do seu pai no guarda-roupa!*
- *Belma, vai lavar a opa do seu pai!*
- *Bebe o chá, senão apanha!*
- *Me empresta um dinheiro.*
- *Me dá...*
- *Você é um cara bonzinho.*
- *Gente legal que nem você é difícil. Enquanto as imagens e os sons*

passam acelerados pela mente, o sentimento de revolta cresce. Chega a um nível tão alto que a mente silencia. Quando o pensamento volta, o foco é outro.

“Estou indo mesmo – recomeça –, vivi na merda, engoli cobras, sapos e lagartos. Fiz um monte de coisas que não queria fazer. Vivi encurralado pelos outros, de medo, puro medo. Vai tudo pra puta que o pariu! Vou viver a vida que não vivi, nem que seja só por uns meses” – decide. Em seguida berra com toda a força de seus pulmões:

–*Vão todos para a puta que os pariiiiiiuu!...*

Ao ouvi-lo, Cleide, que se acha na cozinha, vai correndo para a sala. Ela jamais o viu sequer erguer a voz, que dirá soltar um palavrão, e no trajeto lembra-se do que o neurologista lhe disse, em particular, sobre a esclerose: algumas pessoas, poucas, enlouquecem no final da doença. Aflita e ofegante, ela ...

....

Aos poucos o semblante de revolta vai dando lugar a um meio sorriso de contentamento. “Fazer o que queria e não fiz... brigar... xingar... amar... enquanto a doença permitir. Depois, aí sim, dou o tiro e vou embora alegre.” Num arranco solta-se da esposa, dá um salto, põe-se de pé e grita: – Liberdade! Vou ser livre!... Liiivire! – e continua, agora baixinho, andando de um lado para outro, ante o olhar atônito de Cleide: – Liiivire, liiivire, liiivire, liiivire.

Retorna aos pensamentos. “É isto! É isto! É isto que tenho de fazer... Não posso ir prisioneiro, não posso! A vida toda me perseguiram, e eu, o tempo todo, tentando escapar. Ah!...

...

Decide mesmo dar uma guinada na sua vida.

...

Vislumbra também o caminho, um caminho totalmente diferente daquele que trilhou. “Tenho de reviver tudo o que for possível, nos poucos meses que me restam, da maneira que quis e não consegui! Vou à forra com os que abusaram da minha fraqueza. Vou cobrar dos que me exploraram e me deram prejuízos. Vou desafiar os que me humilharam. Vou confessar os desejos abafados. Vou xingar quando tiver vontade. Vou declarar aquele amor.” Pensa em tudo isso, e muito mais, ... Está disposto a se transformar num outro homem, o homem que deveria ter sido sempre.

...

Subitamente ele pára, medita, e em poucos segundos elabora um plano: “Vou voltar a Tumiritinga e reviver tudo o que for possível, mas de outro jeito. Não tenho nada a perder. O pior que pode acontecer é alguém me matar, mas isso significa apenas antecipar em dias ou meses...” Olha para fora, através da janela, com olhar distante, e constata: “Quanta coisa pendente eu tenho na minha vida...” A seguir toma uma decisão: “Vou seguir uma ordem, vou começar pela infância”.

...

... Ele acha que a causa dos seus problemas econômicos e financeiros são os outros. Os prejuízos que teve foram culpa deles. Imagina-se vítima, assim como sua família.

...

Rumo ao Passado

Nos dias subseqüentes ele toma iniciativas como alguém que se despede da vida. Desfaz-se de seu maquinário de lapidação e do acordo sobre as despesas da sala com Aristides. Vende o carro. Numa manhã sai de casa resolutamente, pisando firme, para encontrar-se com alguns devedores, pessoas às quais emprestou dinheiro ou das quais pagou dívidas por ter sido fiador. “Tenho de acabar com essa mania de falar macio com os outros, de ficar dando voltas. Até parece que estou pedindo desculpas pelo simples fato de

estar falando. Onde já se viu isto?”, diz para si mesmo. Está disposto a ser enérgico nas cobranças, falar firme, como vem falando com a esposa.

...

... Entende que a heróica decisão de tornar-se livre não é suficiente para libertá-lo. Expressar-se com liberdade para uma pessoa que ele sabe que o ama, como a esposa, ou para quem é seu amigo, como o Aristides, é uma coisa. Falar com os de fora, é outra, bem diferente. Imagina, então, que sua volta a Tumiritinga é mais importante do que lhe pareceu, porque ao reviver fatos que o oprimiram, aí sim, talvez fique livre do medo, talvez alcance a liberdade. “Quero ter o gostinho dela antes de ir...”

...

Depois de prometer à esposa que vai dar notícias com regularidade, Joman finalmente inicia a viagem de trem para Tumiritinga. Quando percebe que Belo Horizonte está ficando para trás, dúvidas e conflitos intensos o assaltam. “O que estou fazendo? O que vai acontecer? Estou fazendo a coisa certa? Não devia ficar com a Cleide e as crianças? Parece uma loucura...” O corpo fica rijo. Começa a esfregar as mãos.

...

Ele passa a viver a expectativa do que lhe acontecerá. ... Agora terá de correr os riscos de sua decisão.

Comprar o livro